

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão- COGEAE

Carolina Giacomini

**O FEMININO E AS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O INSTAGRAM E A BUSCA PELA BELEZA**

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão- COGEAE

Carolina Giacomini

**O FEMININO E AS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O INSTAGRAM E A BUSCA PELA BELEZA**

**Monografia apresentada ao COGEAE-PUC/ SP, como exigência
parcial para obtenção do título de Especialista em Abordagem
Junguiana, sob a orientação da Prof. Dra. Silvana Parisi**

SÃO PAULO

2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. O FEMININO E A ESTÉTICA: UM HISTÓRICO DA RELAÇÃO DA MULHER COM A BELEZA.....	13
1.1 História e beleza.....	13
1.2 A mulher e a beleza.....	16
1.3 A dimensão simbólica do corpo.....	18
1.4 O corpo na perspectiva junguiana.....	19
2. IDENTIDADE FEMININA.....	21
2.1 A mulher e a Psicologia Analítica.....	23
2.2 Sobre o feminino.....	24
2.3 A consciência e o feminino.....	26
2.4 As mulheres e as deusas.....	27
3. A MULHER E A BUSCA PELA BELEZA.....	30
3.1 A mulher e a busca pela beleza na atualidade.....	30
4. MÉTODO.....	35
4.1 O perfil de Gabriela Pugliesi.....	38
5. INSTAGRAM E AS REDES SOCIAIS.....	40
6. ANÁLISE DAS POSTAGENS.....	43
6.1 Narcisismo e Ecoísmo.....	43
6.2 Sombra e Persona.....	46
6.3 Corpo real x ideal.....	48
6.4 Auto Imagem.....	50
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sempre possibilitaram meus estudos e incentivaram o prazer pelo conhecimento. Por acreditarem em mim e me apoiarem em tudo o que faço e desejo fazer.

Ao meu marido, pelo companheirismo e acolhimento.

Agradeço ao meu irmão, por dividir comigo o apreço pela mente humana e pelas muitas conversas , sobre comportamento, textos ou filmes.

À Silvana Parisi, por sua paciente e dedicação ao me orientar, me ajudando a ver e pensar além.

Às professoras Eloisa Penna e Heloisa Galan, que durante semestres de aula contribuíram com seus conhecimentos, para uma leitura simbólica da realidade.

E aos colegas de curso, que através de suas ideias e reflexões contribuíram para a realização deste trabalho, e que através de suas companhias tornaram o caminho até aqui mais prazeroso.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre a relação das mulheres atuais com a busca pela beleza à partir do perfil da blogueira Gabriela Pugliesi no Instagram, utilizando como instrumento de análise a teoria da Psicologia Analítica. Trata-se de um trabalho teórico, onde fazemos um cruzamento entre os conceitos da psicologia analítica acerca da mulher/feminino, a relação histórica da mulher com a busca pela beleza e os comentários das seguidoras de Gabriela Pugliesi. Para a análise desses comentários foi utilizado o método de amplificação simbólica. Essa análise demonstrou muitos conteúdos simbólicos presentes nas “falas” das seguidoras, sugerindo uma atenção polarizada para o corpo e com isso um distanciamento da psique, e uma cisão entre sombra e persona. Esses comentários nos fazem refletir sobre um possível comportamento narcisista da blogueira, assim como um movimento de ecoar de suas seguidoras, que projetam na imagem de Gabriela um ideal de corpo e beleza. Esse espaço virtual de culto ao corpo, parece reduzir a função do mesmo à estética, dificultando que essas seguidoras vivenciem uma relação mais instintiva e de totalidade com seus corpos.

Palavras-chave: *mulher, feminino, auto-imagem, corpo, Instagram.*

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso
Que tudo seja belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Eluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como ao âmbar de uma tarde. Ah, deixai e dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca úmida!) e também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é, porém, o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de 5 velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral

Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem
No entanto, sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca [inferior
A 37° centígrados podendo eventualmente provocar queimaduras
Do 1° grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da Terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro da paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que, se se fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ele não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

Vinicius de Moraes

INTRODUÇÃO

A preocupação das mulheres com a estética corporal, para atender ao padrão de beleza socialmente estabelecido, mostrou-se presente na maioria das sociedades. No entanto, a relação das mulheres com seu corpo modificou-se ao longo da história. Historicamente, as mulheres sempre se preocuparam com sua beleza, como veremos ao longo deste trabalho, e atualmente ser/estar bela continua sendo uma responsabilidade imposta pela sociedade. A busca por padrões estéticos parece ter deixado de ser um status social que pode ser conseguido ou não, e ter passado a ser uma obrigação, para a qual a mulher deverá se esforçar o suficiente para conquistar. Não é por acaso que as academias de ginástica estão cada vez mais lotadas e inúmeras publicações destinadas ao público feminino estampam em suas capas corpos esculturais e prometem receitas de beleza. Dados revelados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica revelam que, em 2012, 69% das cirurgias estéticas no Brasil são realizadas por mulheres, estando a lipoaspiração em primeiro lugar.

Os veículos de comunicação de massa influenciam comportamentos sociais, modelando a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem, compram, votam, procuram e utilizam serviços de saúde e cuidam do corpo.

A influência da mídia na construção do corpo ideal ganhou força e ampliou o consumo de produtos que garantem um corpo belo e tornou a aparência física uma dimensão essencial da identidade feminina, inaugurando um novo momento na história da beleza. O corpo deixa então de ser pensado na sua complexidade e subjetividade e passa a ser objeto de consumo, que gera mais consumo.

As mulheres que não se adaptam às exigências sociais são vistas como fracassadas e incapacitadas. Esses sacrifícios para se enquadrar no padrão de beleza da época, de certo modo lembram o mito de Procusto. Nesse mito existe o relato de que os gregos, ao transitarem entre as cidades de Atenas e Mégara, frequentemente se deparavam com um bando de bandidos liderados por Procusto. Esses bandidos prendiam e saqueavam os viajantes. Porém, uma característica marcava a crueldade do bando: eles obrigavam os viajantes a se deitarem em um leito onde eles tinham seus corpos moldados pela medida da

cama. Os pequenos teriam seus corpos distendidos até atingirem o tamanho da cama. Os grandes, cujos membros ultrapassariam o comprimento da cama, seriam mutilados, de forma a se adequarem ao tamanho do leito. Todos os corpos tornavam-se uniformes, mesmo que não sobrevivessem tamanha violência.

Na atualidade, podemos questionar: será que as mulheres não procuram seus próprios leitos de Procusto? Para fugirem deste julgamento social, as mulheres recorrem a estratégias de embelezamento e rejuvenescimento, como exercícios físicos e dietas alimentares, muitas vezes massacrantes e cirurgias plásticas. Receitas e conselhos para alcançar e/ou manter um corpo jovem e supostamente saudável são publicados massificadamente em redes sociais, através de blogs e de perfis de beleza no Instagram.

Diante desse cenário nos cabe perguntar qual a relação dessas novas mídias com a auto imagem das mulheres? O que essas publicações revelam a respeito da identidade feminina das mulheres de hoje?

A ideia de desenvolver essa pesquisa surgiu da observação de mulheres que convivo, amigas e familiares, e da relação escravizadora que mantêm com seus corpos. Mas esse interesse realmente se consolidou através da observação do atual cenário em que esse tema se apresenta. Esse fenômeno já visto nas revistas de moda e tv, ganha hoje uma nova forma de expressão, desta vez em um fenômeno tão recente, as redes sociais. Há tempos que podemos observar através da mídia e de conversas informais, um grande movimento feminino visando o culto à beleza e ao corpo ideal, no entanto agora observamos isso também em blogs e perfis do Instagram. Pensando nas milhares de mulheres que acessam esse conteúdos diariamente e interagem com eles, podemos enxergar então um novo fenômeno coletivo. A sua compreensão é de grande relevância para a psicologia, principalmente por se tratar de um fenômeno muito recente, no qual a psicologia ainda não realizou muitos estudos e pesquisas, e que busca agora entender, investigando esse espaço digital e suas formas de expressão.

De acordo com Eco (2010) corpo emergiu como "o mais belo objeto" na contemporaneidade, sob a regência do capitalismo. A sociedade de consumo, do espetáculo, do narcisismo são expressões da cultura contemporânea, que através da mídia influencia os hábitos de consumo e principalmente a subjetividade feminina.

A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Até a edição de 1971, o Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Hollanda, atribuía ao significante Beleza, o significado de "qualidade do que é belo; da coisa bela ou agradável; da mulher bela."

De fato, numerosos adventos histórico- culturais evidenciam que a aparência do corpo sempre foi uma questão importante para a expressão da feminilidade, inúmeros registros históricos, como o surgimento do espartilho e da maquiagem, demonstram que esconder imperfeições sempre foi uma condição do universo feminino.

A afirmação de Del Priori (2011), por exemplo, reforça esse argumento quando diz que “a história das mulheres passa pela história dos seus corpos” (pag.13). Nesse percurso muitos rituais, truques, artifícios, sacrifícios, entre outros elementos que implicassem em melhorar a aparência feminina apenas transformaram-se ao longo dos anos, da época e da cultura, mas sempre objetivaram reinventar algo muito próprio da mulher.

As formas femininas têm se moldado ao longo dos anos, através do desenvolvimento das civilizações e das transformações sociais.

Podemos observar desde a Pré-História, a Mulher de Willendorf (ou Vênus), uma estátua esculpida há mais de 22 mil anos que retrata uma imagem do corpo da mulher totalmente diferente da de hoje: seios, barriga e vulva são extremamente volumosos e representariam a maternidade, considerado o maior atributo da mulher.

Ainda segundo Del Priori (2011) as representações artísticas da Antiguidade, as mulheres eram retratadas com seios fartos e quadril largo, que eram o símbolo da fertilidade. Vênus de Milo (Afrodite) era a deusa que refletia o padrão feminino da época. No século XIX as curvas ainda predominavam como padrão de beleza da mulher. O espartilho é uma peça fundamental na criação desse novo modelo: dando a forma de ampulheta ao corpo da mulher, com a cintura bastante fina em contraste com os braços carnudos e pernas fortes. Apesar do vestuário da época impedir que o corpo aparecesse muito, ele já sugeria uma redução no volume, contrário ao estilo renascentista.

Esse modelo de beleza só perdeu força quando um imperativo econômico se fez presente: a escassez de alimentos na Europa. Regimes, cirurgias plásticas e ginástica passaram a modelar o corpo feminino de forma quase obrigatória. As formas mais arredondadas, antes admiradas, tornaram-se a representação do fracasso pessoal.

A partir dos anos 60 o corpo da mulher começou a ser mais erotizado, mais curvilíneo e à mostra. Atrizes como Brigitte Bardot e Marilyn Monroe são ícones da década. Já nos anos 70 foi marcado pela antecipação de uma tendência que viria forte nas próximas décadas: a magreza, padrão esse que se busca até hoje (Eco, 2010)

Com esse breve histórico observamos que todas as culturas possuem um ideal de beleza que se dissemina e propaga uma “normalização” da população em torno dessa proposta ideal. Na sociedade contemporânea, entretanto, tal modelo parece se impor de forma cada vez mais opressiva e generalizada, e a subjetividade parece se ancorar em padrões estéticos. Essa tendência indica um certo esvaziamento da interioridade.

Atualmente o padrão de beleza que parece propagar essa proposta de corpo ideal através da mídia e das redes sociais é comumente chamado de fitness. Originário da língua inglesa, o termo fit tem o sentido de caber, ajustar, encaixar. Num primeiro olhar, o significado de fit in (adaptar-se) sugere conformismo e acomodação, mas se pensarmos nos termos da cultura fitness, remete a esforçar-se, aplicar-se, dedicar-se e, sobretudo, inconformar-se com os atributos de imperfeição, assimetria e defeito.

Desde a década de 1980, a cultura fitness vem ganhando espaço. Roupas inteligentes, calçados que transformam o impacto em propulsão, desodorantes que eliminam o suor excessivo e garantem "proteção", mesmo ao corpo que se exercita exaustivamente. A cultura fitness está na arquitetura das academias de ginásticas, nos corpos dos personal trainers, na imponência dos aparelhos de musculação. A cultura fitness está em shopping centers, outdoors, capas de revistas, supermercados, programas de tevê, praças e parques. Extrapolando os lugares reservados à prática de exercícios físicos, atravessa as mais diversas instâncias do nosso cotidiano (Goellner, 2006). A cultura fitness revela um fascínio sobre belos corpos e, ao elegê-los como símbolos da saúde - expressão máxima do autocontrole, da disciplina e do empenho - , posiciona a margem aqueles outros não tão belos, não tão magros e não tão jovens. Segundo Ferreira (2014) para além do radical fit, a cultura fitness guarda semelhança com a eugenia ao ordenar e classificar os corpos, ao eleger determinadas formas e execrar tantas outras.

A imposição de um padrão de beleza corporal cada vez mais rígido implica também em novos tipos de condenação moral, que envolvem acusação de negligência à aqueles que

não conseguem se enquadrar nesse padrão, gerando assim muitas vezes uma obsessão pela estética e beleza, o corpo parece ter se tornado o palco de muitos conflitos e questionamentos.

Sobre o assunto, Costa (2004) comenta:

O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma [...]Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade (pag 190)

Os padrões de beleza, formas, medidas há tempos são definidos e massivamente divulgados em meios de comunicação, no entanto, temos agora também nessa função as redes sociais, que divulgam conceitos e ditam comportamentos. Atualmente o Instagram (rede social de fotos) representa um fenômeno coletivo bastante recente, onde milhares de pessoas acompanham a vida de outra, no caso o dono do perfil no Instagram, e interagem com o que for postado, e como em qualquer interação, influenciam e são influenciadas.

O Instagram é um aplicativo móvel que pode ser definido como uma rede social digital de compartilhamento de imagens, é um aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar uma foto, aplicar um filtro para ela, e depois compartilhá-la em uma variedade de redes sociais, assim como também se pode visualizar fotos de outros usuários que estejam devidamente conectados à sua rede. O conceito do aplicativo faz com que pessoas se comuniquem por meio de imagens.

As páginas de beleza dessas redes são muitas e seguidas por milhares de mulheres, que demonstram procurar ali, uma inspiração de como devem ser e agir. Outras mulheres (as blogueiras ou donas dos perfis do Instagram) publicam diariamente suas fotos e rotinas de alimentação e atividades físicas, assim como críticas aos que fazem diferente do que orientam e isso é acompanhado e comentado por outras tantas mulheres, demonstrando em suas falas de admiração ou repulsa. Essas mulheres parecem representar um ideal de beleza e comportamento para suas seguidoras, que buscam então agir como elas, identificando-se com uma pessoa, onde a individualidade e subjetividade ficam ausentes e/ou omitidas.

Sobre a persona Jung define:

A persona não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real. Ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser (Jung, 1928, p. 47)

A questão tradicional, aceitar ou não o corpo recebido, parece ter se transformado em — como mudar o corpo e até que ponto? Convidadas a esculpir seu próprio corpo, como se este tivesse a plasticidade da argila, segundo os ideais fornecidos, as mulheres, frequentemente, reportam-se a essas blogueiras como representantes de uma estética da perfeição.

Através da análise dessas postagens, assim como de seus comentários, esse trabalho busca compreender, sob a ótica da Psicologia analítica, essa nova relação entre o feminino e o Instagram, através do perfil da blogueira Gabriela Pugliesi.

Capítulo 1 - O feminino e a estética: um histórico da relação da mulher com a beleza

1.1 – História e beleza

Durante muitos séculos a beleza era demonstrada através das pinturas e das esculturas. Segundo Eco, na antiga Grécia, “a beleza era associada a outros valores como a medida e a conveniência” (ECO, 2010, p. 20). Eco também nos conta que em Homero, autor de “A guerra de Troia”, não encontra definição de beleza e que Eurípides (séc. V a.C.), em *As Bacantes*, III, v. 880-884 relata: “O que é a sapiência ou que presente dos Deuses é mais belo entre os homens que erguer a mão vitoriosa sobre a fronte do inimigo? O que é belo é sempre desejável”

O belo é o que atrai o olhar. Na época de Homero o corpo humano assume papéis mais importantes. A beleza é vista através de qualidades da alma e do caráter. Segundo a mitologia escrita nos templos de Delfos: “O mais justo é o mais belo”. Assim toda forma de beleza retratada nos séculos antes de Cristo mostra as esculturas de corpos em formas estáticas com expressões psicofísicas que harmonizam a alma e o corpo, demonstrando a beleza nas formas da bondade da alma. Nessa época também surgem as teorias relacionadas à beleza como harmonia e proporção e à beleza como esplendor.

Segundo os relatos de Vigarello (2006), a partir do século XV a beleza passa a ter relevos, formas, cores, espessura e contornos arredondados. A mulher é retratada em quadros valorizando o seu rosto, seu olhar e o colo. Esta forma modifica a estrutura de corpo da mulher do século XIII, pois na época esta deveria ter a “magreza do ventre”, rosto simétrico e branco, seios bem assinalados e corpos apertados.

Contudo, passam a predominar nos séculos XV ao XVI as formas do corpo feminino que ganham contornos mais consistentes, porém existe a exigência de equilíbrio entre a magreza e a gordura, sendo considerada como bela a mulher em grande ponto (este termo era usado para estabelecer um padrão de beleza na época). Quanto à beleza do homem, esta é o oposto da mulher, pois este precisa ter força para trabalhar e suportar as intempéries, “não que ele seja destituído de beleza: a imagem da majestade divina já reluz nele, incompreensível ao espírito humano” (VIGARELLO, 2006, p. 24). Sua aparência geralmente robusta, com pelos no rosto e corpo, atitude altiva, rosto com traços masculinos, uma mistura de refinamento, boa graça e carrancudo, quentes e secos.

Segundo Eco (2010) muitos trabalhos de pesquisa mostravam que as mulheres da corte rejeitavam a maquiagem por esta ter uma conotação mundana e impura. Mais tarde, a maquiagem passa a ser permitida desde que seja utilizada como a finalidade de casar-se, mas os produtos utilizados eram muito tóxicos. Entretanto, não podemos deixar de acentuar que nesta época as mulheres da corte desejavam a magreza. Utilizavam diversas receitas para manter seus corpos magros, o que verificamos ainda nos dias atuais, e muitas vezes utilizavam substâncias para provocar desidratação. Já no século XVII, os vestidos ganham uma armadura nos quadris em forma de arco, utilizando tecidos engomados. As pernas tornam-se mais longas e as costas mais lisas, às vezes mais largas que a cintura.

A diferença entre as mulheres da corte e as aldeãs se sistematiza nas figuras do século XVII, sendo estas rechonchudas e com bustos e barrigas soltas. Em contraste com as mulheres da corte, que com o uso dos espartilhos alongam as costas e comprimem o abdômen para parecerem mais esbeltas. Porém, as aldeãs, com seus corpos soltos, sem grandes enfeites e maquiagens tornam-se grandes amantes, pois são amadas por seus encantos naturais. Os homens que antes não eram cobrados de beleza física passam a fazer um investimento em sua aparência. A estética masculina se afasta da rudeza anterior e estabelece bustos mais magros e alongados. A partir do século XVIII a estética passa por uma mudança, em que a aparência física passa por um olhar de maior leveza.

De acordo com Eco (2010), em 1880 os vestidos estão mais justos, colantes e as anquinhas vão embora, deixando um corpete e túnicas de seda coladas ao corpo, bem apertadas. O corpo está esbelto, beleza das mulheres mais franzinas, lembrando que esta mulher não se compara às anoréxicas do dia de hoje. Devido à ausência dos espartilhos, as mulheres tendem a seguir padrões estéticos mais esbeltos. Seu corpo não é controlado através do peso e sim através das medidas, onde a mulher de gorda passa a ser esbelta e de pesada a elegante graças a regimes regulares.

A partir de 1910, surgem os primeiros Institutos de Beleza, como Helena Rubinstein, e o primeiro ofício de esteticista e as cirurgias estéticas começam a vislumbrar mudanças e retoques de transformações corporais.

Nos anos de 1950 e 1960 a beleza é vendida como mercadoria e Brigitte Bardot é a musa da época. Todas as mulheres tendem a imitá-la em sua liberdade de expressão e ousadia. Chegando aos anos 1970, a vestimenta da mulher ganha um ar mais descontraído e os cabelos

ganham mais volume, ficando mais crespos, afro. Passam a usar calças compridas de boca de sino, jaquetas e roupas mais largas. Com os anos 1980 vieram os exageros, como maquiagens bem marcantes. Nesta época começa o culto ao corpo, uso de suplementos vitamínicos, e surge a modalidade de ginástica aeróbica para ajudar ao emagrecimento. A transformação continua com a chegada dos anos 1990 e 2000. O homem passa a disputar com as mulheres os mesmos direitos de cuidar-se sem que isso o transforme em mulher, sendo criado o termo de “metrossexual”. As modelos começam a ter um perfil ainda mais magro, chegando ao anoréxico que provoca nas mulheres um desejo de se igualar às modelos, jovens, magras e lindas. Assim, Novaes, em seu artigo “Ser mulher, ser feia, ser excluída”, faz o seguinte comentário:

Como todo culto, como toda moda, o impacto da moda do culto ao corpo sobre a sociedade, só pode ser detectado a partir da compreensão da maneira como seus ditames são interpretados pelos indivíduos que, no interior de diferentes grupos sociais, lhes emprestam significados próprios. (NOVAES, 2005, p. 10).

Já nesse período, mesmo com os índices de obesidade mundial crescendo de forma alarmante, aumentava-se a busca pelo corpo ideal, um panorama muito parecido com o que vemos hoje.

O assunto beleza e perfeição chegou a tal ponto que em consequência à busca da aparência perfeita surgem doenças como a bulimia (exagero na indução de comida, seguido da indução de vômito), anorexia (obsessão por um corpo com peso muito abaixo do normal), vigorexia (obsessão em praticar exercícios físicos e aumentar massa muscular) e ortorexia (obsessão em alimentar-se de forma saudável, gerando graves casos de restrição alimentar).

A busca pela beleza têm levado mulheres, homens e adolescentes à uma corrida pelo corpo perfeito como uma condição de sobrevivência (CASTRO, 2002)

O indivíduo “aceitável” é aquele que segue ou se enquadra no padrão social dominante. Quem não se adapta à esse padrão vive à margem da sociedade, sendo culpado por não possuir ou se aproximar desse ideal.(SANT’ANNA, 2005)

Essa segregação social deu origem à um grande mercado estético, gerando um movimento de naturalização do não biológico (SANT’ANNA, 2005), onde passa a se tornar aceitável todo e qualquer método para manipular e transformar o corpo em aceitável.

1.2 . Mulher e beleza: uma histórica associação

A história nos mostra que a associação entre beleza e feminino, ainda tão presente, é mais antiga do que se pensa, essa associação passa pelos contos de fadas —, A Bela Adormecida, que já leva o título de bela no próprio nome, Branca Neve que é amaldiçoada por ser mais bela que a bruxa; pelas produções cinematográficas — “Os homens preferem as louras” ou “Uma linda mulher” filmes onde a beleza das personagens define suas histórias, e pela mitologia. Segundo Eco (2010) talvez o episódio mais dramático da pré-história grega tenha sido a invasão dos aqueus que disputaram o controle sobre as terras do Peloponeso e ilhas do Mar Egeu. A Ilíada de Homero conta a história da guerra entre estes povos pelo controle de Ilión — ou Tróia — a cidade mais importante do mundo grego arcaico.

O mito conta que a disputa por Tróia foi um confronto entre três deusas em torno da beleza. O pomo de ouro que produziu a discórdia deveria ser entregue à mais bela entre Atená, Hera e Afrodite. Esta última, filha das espumas das ondas — provocadas pelo esperma de Crono que se precipitou ao mar quando este foi castrado por seu filho Zeus —, tornou-se a deusa da sedução. Paris, filho do rei de Tróia, deveria julgar qual delas era a mais bela. Hera, prometeu-lhe as terras da Ásia. Atená, ofereceu-lhe a Sabedoria e a vitória em todos os combates. Afrodite, no entanto, foi a vencedora. Para tanto, prometeu à Paris tão somente o amor da mais bela mortal: Helena, esposa de Menelau, o rei de Esparta. Paris apaixonado por Helena, a raptou, excitando assim a fúria de Menelau, que rapidamente organizou um exército para atacar Tróia e resgatar sua esposa. Atacados de surpresa os troianos foram vencidos, a cidade incendiada e Helena levada por Menelau.

Além de intrigas e guerras, a beleza feminina e o desejo da mulher aparecem como causa da morte, das pragas, das dores e das doenças no mito da Caixa de Pandora. Segundo a mitologia Pandora foi a primeira mulher, criada pelos deuses Hefesto e Atena, auxiliados por todos os deuses e ordenados por Zeus, Pandora foi feita à imagem das deusas imortais, cheia de virtudes e beleza e enviada a Prometeu, como vingança por ter desobedecido ordens de Zeus. Mesmo alertado por seu irmão a não receber presentes dos deuses, Prometeu fica encantado com a beleza de Pandora e a toma como esposa. Nesse momento Pandora abre sua caixa, que espalha pela humanidade muitas desgraças, como a velhice e o trabalho, que acabaram por destruir a idade de ouro da humanidade.

A tradição judaico-cristã também atribui à mulher os males do mundo. Foi Eva quem primeiro cedeu às tentações do corpo, seduziu Adão e provocou a expulsão do paraíso. Assim, é para a sexualidade feminina que o demônio dirigiu seu olhar, marcando o corpo das filhas de Eva, com o estigma do Mal e da culpa pelo pecado original.

Durante quase toda a Idade Média a beleza feminina é vista como armadilha do pecado, uma tentação do diabo. A beleza da mulher teria assim uma essência impura, leviana e vil. Tal representação negativa da mulher só encontrava um contra-ponto na Virgem-Maria — a única mulher bela e inocente.

“Eva tinha parte com o Diabo: algumas vezes mesmo, a serpente enrolada em volta da árvore da Vida tinha a mesma cabeça que ela, encantadora. A beleza podia ser, portanto uma armadilha mortífera (...) Nenhuma mulher é bela impunemente nem sedutora inocentemente. A inocuidade da beleza só a Virgem possui “ (VILHENA, 2005, p.76)

Segundo Vigarello (2006) na Renascença as representações do feminino não são absolvidas de sua condição culpada e pecaminosa. Entretanto, a beleza da mulher é admitida desde que despojada de sua sensualidade maligna ou esta deve ser apenas um fugidio detalhe, um sorriso no canto dos lábios, como na Madona de Leonardo.

Com os avanços iluministas nos séculos XVII, XVIII e XIX cria-se uma nova estrutura de pensamento na sociedade. Entretanto, as representações da mulher bela permaneceram comprometidas com os ideais antigos. Se antes era preciso exorcizar a sedução demoníaca, na Modernidade era a maternidade que possibilitava uma representação positiva e bela ao feminino.

Apesar de considerar a mulher como "um ser de razão", Kant (1993) reafirmou também sua "incapacidade civil" e sua "dependência natural". Como um ser de razão, as mulheres deveriam ser livres em suas escolhas. Porém, exatamente por serem dotadas de razão suas escolhas, naturalmente, a conduziriam ao lugar de reprodutoras da espécie. Tal lugar se delimitaria pelos espaços reservados da família. Desta forma, o casamento, a maternidade e o lugar de rainha-do-lar representam os ideais culturais que, atingidos, legitimariam a posição social das mulheres. Assim, para estas, a certidão de casamento e de nascimento de seus filhos, serviam como um atestado de civilizada, um passaporte para a Cultura.

De acordo com Del Priori (2011) o ideal de beleza feminina retrata, então, esta mulher socializada. O recato, a doçura, a fragilidade e a submissão serão as características enaltecidas pela estética da Modernidade. Aos olhos do Iluminismo, a beleza vil e demoníaca da Idade Média foi domesticada.

Com suas conquistas pela independência feminina, inserção no mercado de trabalho, a mulher parece ter saído deste papel domesticado e passivo. É vista hoje com os mesmos direitos dos homens, no entanto, parece não ter encontrado sua independência em relação à beleza. Embora agora seja dona de seu corpo, modificando-o, alterando suas formas, ainda demonstra depender de sua beleza para se aceitar e ser aceita. Fenômenos como redes sociais voltadas ao assunto, revistas femininas ditando padrões são a prova de que o binômio mulher e beleza continua indissociável.

1.3. O discurso do corpo

Segundo M. Mauss (1934) o corpo é o lugar de diferentes formas de sociabilidade e espelha, assim, a vida social de uma comunidade. O corpo produz, continuamente, um sentido, inserindo-o dentro de um espaço social, ou seja, longe de ser apenas algo de ordem do biológico, ele sempre terá uma dimensão social e cultural. Baseados nessa afirmação do autor, podemos entender porque o ideal de corpo vai se modificando de acordo com a época, influenciado pela sociedade e cultura que está inserido, fazendo-nos pensar que o homem “constrói seu próprio corpo” a partir desse corpo dado socialmente.

Segundo Romary (2000) é no princípio do século XX que o corpo vai reunir o conjunto de discursos que vemos hoje. Para a ciência do mundo contemporâneo, o corpo é uma das peças centrais de aferição do dispositivo de civilização: cirurgias plásticas, clonagem, manipulação genética etc.; mesmo gerando polêmicas e opiniões contrárias e à favor, são medidas de “avanço” da civilização. Um passo na direção do corpo perfeito última etapa do processo evolutivo.

Esse corpo é, mais do que nunca, o centro do cotidiano, e agora também das redes sociais, como veremos adiante, em suas aspirações de saúde perfeita, juventude eterna e beleza ideal. Ainda segundo Romary, “o corpo do fim deste século é mais do que nunca representado como expressão perfeita da evolução o corpo do homem é a própria imagem de sua cultura” (p. 23)

Esta parece ser hoje a representação dominante da identidade corporal, um discurso que gira em torno de um sonho evolucionista, onde o homem torna-se então senhor do seu próprio corpo e de sua evolução.

O que vemos através da mitologia, seu esse um desejo muito antigo do homem : “Somente os deuses não são visitados pela idade e pela morte. Todas as outras coisas, o tempo, o tempo que tudo governa, confunde... Os mortos são os únicos a quem a dor não alcança...” (Sófocles, Édipo em Colona).

Seja no corpo belo dos deuses ou até nos heróis cinematográficos, a associação beleza/saúde/ estará sempre presente e não poderá ser desvinculada que a produzem, e que, por ela, são produzidos.

1.4 O corpo na perspectiva junguiana

Sobre a visão da psicologia analítica, FARAH (2009) nos traz que “individação só pode ocorrer quando retornamos ao corpo, à nossa terra e só assim ela se torna verdadeira” Esta frase resume a resposta à pergunta acima. O corpo, para Jung, é um caminho para a vivência da totalidade. Sem o corpo, o si-mesmo não se realiza. Ao contrário de uma visão dualista, aqui a psique humana é uma totalidade unificada que inclui o corpo (PEREIRA, 2009). Para o inconsciente, matéria e espírito não são equivalentes, mas idênticos (JUNG, 2000).

Jung relacionava o corpo a terra, ao que é denso e que mantém o sujeito no aqui e agora. Um relacionamento consciente com o corpo significa fidelidade à terra. São os fatos corporais que nos mantêm na vida real e “ajudam-nos a não perder nosso caminho no mundo das meras possibilidades, onde estamos simplesmente de olhos vendados” (FARAH, 2009, p. 11).

Jung destacava a importância da incorporação das experiências subjetivas no caminho para individuação. O que quer que seja deve ser experimentado no corpo para que tenha sido de fato experimentado. Caso contrário, o sujeito se mantém mergulhado nos mistérios simbólicos (FARAH, 2009). Segundo a autora, na perspectiva da psicologia analítica, “a individuação só pode ocorrer quando é percebida, quando alguém está lá e a registra; de outro modo, é a eterna melodia do vento no deserto...”

A psicologia analítica vê a pessoa como um ser integrado e reserva ao corpo um papel essencial no desenvolvimento psíquico e no processo de individuação.

Capítulo 2- Identidade Feminina

A construção das identidades masculina e feminina sofre grandes influências de fatores, biológicos, religiosos e históricos, que ao explicarem as diferenças entre homens e mulheres, parecem sempre desfavorecer essas últimas, como vemos na citação abaixo:

Enquanto Adão foi feito à imagem de Deus, Eva foi simplesmente tirada de Adão. O axioma 'primeiro Adão, depois Eva' pode ser expandido desta narrativa de inúmeras maneiras. Primeiro, o macho é anterior no tempo, porque foi criado primeiro. Segundo, o macho é superior porque só ele foi criado à imagem de Deus. Terceiro, o macho é superior em consciência porque Eva foi extraída do sono profundo de Adão, de sua inconsciência (...). Quarto, Adão é substancialmente superior porque Eva preformada em Adão como parte em relação ao todo. Adão é perfeito desde o início, e uma imagem espelhada da própria perfeição de Deus. A existência, a essência e a substância material de Eva dependem de Adão. (HILMANN, 1984, p.116)

De acordo com Goldrick (2011) a mulher há tempos vem buscando um lugar no mundo. Até a década de 50, em geral, era esperado que a mulher saísse da casa dos pais em direção à casa do marido. Todos os cuidados domésticos ficavam destinados apenas a ela: a educação dos filhos e os cuidados com a casa. A condição da mulher era definida pelo relacionamento com o homem: a condição de solteira, de esposa, de divorciada e de dona de casa.

De alguns anos pra cá, a mulher tem se casado mais tarde, gerado menos filhos e buscado uma condição profissional independente da condição afetiva: casada, solteira ou separada. Para ela hoje é importante também a atuação no mercado de trabalho. Até poucas décadas atrás, era esperado que as mulheres em idade adulta estivessem direcionando sua vida para o casamento e para a relação com o companheiro, deixando de lado a sua própria vida, no que se refere a desejos e sonhos que fossem diversos do projeto de casamento e constituição de família.

Segundo Goldrick (2011) os estudos realizados sobre jovens adultos sempre tomavam como referência o mundo dos rapazes. A mulher jovem não tinha essa etapa da vida assim delimitada, pois, como dito acima, apenas deixava a casa dos pais para a casa do marido.

Segundo Meirelles (2001), o trabalho extra-domiciliar remunerado é um dos aspectos que contribuíram para a emancipação e transformação da mulher na sociedade.

Apesar de o trabalho ter entrado na vida das mulheres sustentado pelo preconceito e diferença salarial, a mulher continuou em busca de seu espaço.

No entanto, as mulheres contemporâneas que já construíram uma relação com o mundo do trabalho ainda se preocupam com a opinião da família de origem, principalmente se o caminho que elas escolheram diverge daquele que a família considerava adequado para uma mulher. (McGoldrick, 2001)

Meirelles (2001) faz um resgate, em sua dissertação, da obra de Levinson (1996), em que destaca as fases do desenvolvimento feminino. Meirelles (2001) delimita uma fase entre 28 e 33 anos para dissertar sobre a mulher adulta contemporânea. Segundo o autor, a mulher, nesta fase, encontra-se diante de muitos questionamentos referentes às decisões já tomadas até esse momento da vida e também em relação ao futuro. A família, a carreira, casamentos e outros aspectos de suas vidas passam por uma reavaliação. Aquelas que continuam solteiras, apesar do direcionamento da carreira, não descartam a importância e a necessidade de um relacionamento afetivo.

A mulher jovem, apesar de já adulta, ainda sofre grande influência de sua mãe, e com isso, muitos questionamentos e conflitos se fazem presentes no discurso dessa mulher: Qual o papel da mulher na sociedade e no trabalho, dificuldades nos seus relacionamentos afetivos, de se colocar no mundo, de buscar trabalho, de acreditar em si mesmas profissionalmente, a busca pela beleza e juventude eternas, etc.

2. 1 A Mulher na visão da Psicologia Analítica

Jung (1993), no início do século XX, já dizia que a mulher estava assumindo profissões masculinas, tomando frente em atividades políticas, estando pronta a romper com um padrão de inconsciência e passividade. Hoje, a mulher, em geral, assume o trabalho profissional e tem presença na cultura e na política.

O autor compreendeu a mulher diferentemente de muitos pesquisadores de sua época, não a definindo pelo referencial do homem, mas conforme o funcionamento psíquico dela mesma, baseado, segundo ele, no princípio de Eros. Esse princípio tem como forma de manifestação a força de ligação e das relações.

Jung dizia (1993) que as mulheres costumam fazer tudo por amor a uma pessoa e que os homens costumam fazer tudo por amor às coisas. Essa característica masculina traduziria o princípio de Logos, típico da dinâmica masculina, centrado na lógica, na focalização em objetivos. Os termos ‘Eros’ e ‘Logos’, foram utilizados por Jung para descrever o fato de que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros do que pelo caráter diferenciador e cognitivo do Logos. Segundo Jung, no homem, o Eros que é a função de relacionamento, via de regra, aparece menos desenvolvido do que o Logos. Na mulher, pelo contrário, o Eros é expressão de sua natureza real, enquanto que o Logos muitas vezes constitui um incidente deplorável. Ele provoca mal-entendidos e interpretações aborrecidas no âmbito da família e dos amigos, porque é constituído de opiniões e não de reflexões. (JUNG, 1988).

No entanto, após essas conceituações de Jung muito foi discutido por seus seguidores sobre a dialética feminino/ , principalmente pelas mudanças sociais que sofreram esses papéis e as relações familiares. Whitmon (1990) adotou os termos Yin e Yang para falar do feminino e masculino, justamente por entendê-los como conceitos mais amplos, que não se restringem ao gênero homem e mulher. Para ele, os conceitos chineses de yin e yang corresponderiam melhor ao que Jung quis denominar de princípios do Feminino e do Masculino, o que os diferenciaria claramente dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Os conceitos Eros e Logos foram posteriormente criticados por “conferirem expressão a apenas uma parte dos arquétipos femininos e masculinos” (Whitmont, 1969).

Ainda sobre as diferenciações da psique feminina e masculina, Jung (1988) trabalha com os conceitos de Anima e Animus, sendo a Anima os aspectos femininos e inconscientes no homem e o Animus, os aspectos masculinos e inconscientes presentes na mulher.

Segundo Jung (1993), para a mulher viver conscientemente é preciso estar a par da batalha entre as forças de sua natureza feminina e da força de seu Masculino inconsciente (animus). A conscientização de que a pessoa é composta também por aspectos inconscientes é necessária para que ela se desenvolva psiquicamente e não tenda a agir com base em apenas uma das polaridades: a consciente ou a inconsciente.

Se a mulher não se relaciona com seus aspectos Masculinos internos corre o risco de buscar essas características externamente em um homem. Isso a tornará ainda mais frágil e insegura. Caso se identifique com seu Masculino, o risco está em ela mesma desvalorizar tudo o que for referente à natureza feminina, o cuidar, o acolher, o conter. Qualquer uma dessas polarizações não é saudável para a mulher.

2.2 Sobre o Feminino

O princípio Feminino é um padrão universal, arquetípico e que está presente tanto em homens como em mulheres. Ele pode predominar na mulher, mas não se restringir a ela.

Segundo Stein (1994), a mulher precisa estar consciente do papel do Feminino interior, isto é, arquetípico, para não se identificar com ele em sua forma primitiva, e então ser tomada pela inconsciência. Isso acarretaria uma vivência unilateral, não permitindo o acesso ao princípio Masculino. Se isso acontecer, a mulher estando mais inconsciente de si mesma e identificada com o princípio Feminino se sentirá mais dependente de um homem para poder se sentir inteira. Para a compreensão de Stein (1994, p.71): “quanto mais ‘feminina’ for uma mulher, mais inconsciente será de suas próprias qualidades Masculinas e mais as sentirá como alheias à sua natureza.” Por isso, é preciso uma consciência também das características fálicas da natureza da mulher, de seu Masculino interior”, que Jung denominou Animus.

A sociedade contemporânea reforçou e favoreceu, na mulher, o desenvolvimento da perspectiva masculina no que se refere à exaltação da razão, da objetividade, proporcionando quase uma negação das emoções e da subjetividade. Essa realidade dificulta a relação da mulher consigo mesma plenamente, pois tende a polarizar suas atitudes: ou identifica-se na consciência com o Feminino, ou polariza para a identificação com o princípio Masculino interior, favorecendo a atuação na sociedade masculina e de orientação patriarcal. O caminho não pode ser nem um, nem outro, exclusivamente.

Enquanto a mulher não distinguir e diferenciar-se ela mesma do Feminino, continuará a ver os homens como os salvadores ou os opressores. Qualquer que seja o caso, continuará dependente de um homem para conectá-la com sua própria natureza fálica e continuará inconsciente das dimensões psíquicas de sua opressão, que são muito mais importantes e têm uma necessidade mais urgente de atenção. (STEIN, 1994)

O mundo necessita tanto do acolhimento e da proteção quanto da razão, da lógica, do direcionamento. Se houver polarização de um dos lados, um não conseguirá existir por muito tempo sem o outro. Essa mesma consideração vale para a psique da mulher. Ela não conseguirá se sentir inteira, plena, se apenas considerar um dos lados: o princípio Feminino ou Masculino. Se a identificação ocorrer com apenas um deles, haverá uma polarização, que poderá contribuir para a formação de um complexo.

Enquanto uma mulher se mantiver amedrontada, irada e continuar a rejeitar o Masculino que há dentro dela, enquanto ela continuar a participar principalmente da luta “lá fora” em lugar da luta dentro de sua própria alma, ela jamais se tornará, na realidade, livre de sua opressiva dependência dos homens,

pois ela essencialmente deceitou a fonte fálica de seu próprio poder e potência.
(STEIN, 1994, p.79)

2.3 A consciência e o Feminino

O processo de desenvolvimento da consciência na mulher é fortemente influenciado pelo arquétipo da Grande Mãe. Segundo Neumann (2001), a psicologia analítica entende o arquétipo como algo dinâmico, com componentes emocionais e simbólicos em sua estrutura. O comportamento humano inconsciente é determinado pela dinâmica do arquétipo. Já o caráter simbólico da psique tem como característica, gerar imagens que atuam profundamente sobre a consciência, suscitando a atenção desta para que seu efeito seja eficaz e gere transformações.

Como todo arquétipo, o arquétipo da grande mãe tem em suas polaridades, tanto aspectos positivos quanto negativos, que pode apresentar-se de inúmeras formas, revestido por uma infinidade de imagens. Jung (1934), menciona que as representações mais características são: a mãe e a avó, a madrastra, a sogra, a ama de leite, mulheres com quem nos relacionamos. Assim como os arquétipos, os símbolos também apresentam, em seus extremos, aspectos duais, positivos e negativos. Dessa forma, são atribuídas ao arquétipo da mãe características tanto de acolhimento, cuidado, sabedoria e suporte, como aterrorizantes, obscuras, devoradoras e advindas do mundo dos mortos (Jung, 1934).

No início, o bebê está numa relação de identidade com a mãe - estágio apontado por Neumann (1990) de urubórico – caracterizado por um pré-ego, que consiste em um estado de onipotência infantil, de uma falta do sentido de limite, numa etapa caracterizada pela inconsciência e pelo desejo de fusão com a mãe.

Junto ao arquétipo da mãe, está entremeado, o arquétipo do feminino, que exerce influências tanto no homem como na mulher. Em relação à mulher, o feminino implica nas situações da vivência com o próprio corpo e influencia na relação com o outro. Havas (1996) assinala que o princípio do feminino está enraizado e desenrola-se do arquétipo da mãe. A mulher surge de uma matriz na qual percebe semelhanças consigo mesma. O modelo feminino para uma menina é a sua mãe, ou uma figura que lhe substitua. Nesse modelo estão agregados tanto o arquétipo da mãe quanto o do feminino e é no encontro destes, na vivência com a mãe real, que ocorrerão as impressões daquela futura mulher a respeito de si e do mundo.

No entanto, no desenvolvimento da consciência, é necessário que haja uma separação da grande mãe, para que seja construída uma identidade feminina na mulher. Esse afastamento da grande raiz materna dá origem a uma personalidade almada e com uma permeabilidade maior entre o inconsciente coletivo e a subjetividade individual (Neumann, 2001). À medida que a personalidade diferencia-se, começa a surgir uma identidade própria, acarretando em uma maior autonomia dessa mulher.

Esse afastamento do mundo da mãe, possibilita também uma aproximação do mundo paterno, e conseqüentemente das características do Masculino. Essas características que aparecem na consciência da mulher foram chamadas por Jung de Animus.

Segundo Von Franz (1964), “o *animus* é a personificação masculina do inconsciente na mulher. [...] É o pai que dá ao *animus* da filha convicções incontestavelmente ‘verdadeiras’, irretrucáveis e de um colorido todo especial [...]”(p.189)

Tendo em vista que o *animus* sofre influência do complexo paterno, este, quando não trabalhado, pode vir a afetar o modo de ser/agir/estar da mulher no mundo.

Para essa autora, o lado positivo do *animus* pode personificar um espírito de iniciativa, coragem, honestidade e, na sua forma mais elevada, de grande profundidade espiritual. Através do *animus* a mulher torna-se consciente dos processos básicos de desenvolvimento da sua posição objetiva, tanto cultural quanto pessoal, e encontra, assim, o seu caminho para uma atitude intensamente espiritual em relação à vida. (VON FRANZ, 1964, p.195).

Emma Jung (2003, p.16) define animus como “um ser masculino, cujo rastro pode ser seguido e que deve ser representado.” Segundo a autora o animus também pode apresentar seus aspectos negativos; a mulher corre o risco de ser dominada pelo seu animus e, inconscientemente, deixar-se levar por esse lado e se afastar de seus aspectos femininos. Segundo E. Jung (2003), uma das compreensões equivocadas da mulher, na busca por seu espaço na sociedade, foi acreditar que para essa conquista deveria agir como o homem. Ainda segundo a autora, para a mulher, ao contrário do homem que luta para aceitar sua anima, parece demasiado óbvio obedecer a autoridade do animus e do próprio homem.

Essa relação da mulher com o animus e com suas conquistas na sociedade, nos trazem muitas questões sobre sua relação atual com o feminino, e algumas delas discutiremos adiante.

2.4 As mulheres e as deusas

As deusas gregas são imagens de mulheres que viveram na imaginação humana por mais de três mil anos. De acordo com Robles (2006), as deusas são modelos ou representações daquilo com que as mulheres se assemelham (com mais poder e diversidade de comportamento do que as mulheres se tem historicamente consentido exercitar: elas são bonitas e fortes; são motivadas por aquilo que lhes interessa) e, representam padrões inerentes ou arquétipos que podem modelar o curso da vida da mulher.

As deusas diferem uma da outra. Cada uma delas tem igualmente traços positivos e outros potencialmente negativos. Seus mitos mostram o que é importante para elas e expressam por metáfora o que uma mulher que se assemelha a elas deve fazer.

Segundo Bolen (1990) toda mulher representa o papel principal na solução do que diz respeito à sua própria história existencial. Segundo a autora as mulheres buscam ser protagonistas ou heroínas nas histórias de suas próprias vidas. Para isso as mulheres precisam fazer escolhas conscientes, que irão dar rumo às suas vidas. Exatamente porque elas costumam não ter consciência dos poderosos efeitos que os estereótipos culturais exercem sobre elas, as mulheres podem também não ter consciência de poderosas forças que atuam no seu íntimo. Essas forças que influenciam o que elas fazem e o modo como elas sentem atuam na forma de deusas gregas. Esses poderosos padrões internos - ou arquétipos - são responsáveis pelas principais diferenças entre as mulheres.

Ainda segundo Bolen a psicologia junguiana tornou-se consciente de que as mulheres são influenciadas por poderosas forças interiores, os arquétipos, que podem ser personificados pelas deusas gregas. E a perspectiva nos dá compreensão de como as forças exteriores ou estereótipos papéis com os quais a sociedade espera que as mulheres se conformem - reforçam alguns padrões de deusa e refreiam outros. Como resultado cada mulher se encontra entre dois campos de influência: intimamente por arquétipos divinos (deusas, mitos), e exteriormente por estereótipos culturais (mídia, redes sociais).

Bolen (1990) nos traz sete deusas que representam os principais padrões arquetípicos nas mulheres: Afrodite, deusa do amor e da beleza; Demeter, deusa mãe; Hera, rainha do céu; Artemis, deusa livre e selvagem; Atenas, a deusa da sabedoria e Perséfone, a virgem e jovem mulher e Héstita, deusa do lar e da vida doméstica.

Todas as deusas são padrões potenciais na psique das mulheres. Contudo, em cada mulher particular alguns desses padrões são ativados, energizados ou desenvolvidos, e outros

não (Bolen, 1990). Pensando na mulher contemporânea, nos cabe questionar quais "deusas" a cultura mantém através dos papéis que ela permite que as mulheres tenham? Os estereótipos de mulheres são imagens positivas ou negativas de arquétipos de deusas?

Considerando as fortes influências externas que sofre o psiquismo da mulher atual (mídia, padrões estéticos) julgo interessante pensarmos na atuação das deusas virgens nesse psiquismo. Segundo Bolen, o aspecto da deusa virgem é o da mulher que não pertence ou é "impenetrável" ao homem - que não é afetada pela necessidade de um homem ou pela necessidade de ser aprovada por ele, que existe completamente separada dele, em seu próprio direito. Quando a mulher está vivendo um arquétipo de virgem, isso significa que um aspecto significativo seu é psicologicamente virginal, e não que ela seja fisicamente ou literalmente virgem.

Quando uma deusa virgem - Ártemis, Atenas ou Héstia - é um arquétipo dominante. A mulher é, segundo Harding(1985) , um aspecto importante de sua psique:

Não pertence a nenhum homem, a mulher que é virgem, uma-em-si-mesma, age como age não por causa de qualquer desejo de agradar, nem para ser desejada ou aprovada, até mesmo por si própria, nem por qualquer desejo de sobrepujar-se a uma outra pessoa, atrair seu interesse ou seu amor, mas porque o que ela faz é verdadeiro. Seus atos podem, de fato, não ser convencionais. Pode ter que dizer não, quando seria mais fácil e mais adaptado, convencionalmente falando, dizer sim. Mas, como virgem, ela não é influenciada pelas considerações que fazem com que a mulher não virgem, quer seja casada ou não, se conforme e se adapte à conveniência.(p.181)

Se a mulher é uma-em-si-mesma, ela será motivada pela necessidade de seguir valores, fazer o que tem sentido ou satisfazer-se, independentemente daquilo que as pessoas pensam. Psicologicamente, a deusa virgem é aquele aspecto da mulher que não foi afetado pelas expectativas coletivas sociais e culturais, determinadas pelo sexo masculino, daquilo que uma mulher deveria ser, ou por um julgamento individual que alguém do sexo masculino faz dela.

Justamente o tema estudado no capítulo anterior e que analisaremos mais adiante, sobre a busca da mulher pela beleza e perfeição, parece ser movido por essa necessidade de ser aceita ou de atender expectativas exteriores, demonstrando assim cada vez menos atuação dessa "mulher em si mesma".

Ainda sobre as mulheres e a mitologia podemos refletir sobre essas seguidoras de Gabriela Pugliesi e o mito de Eco e Narciso. De acordo com Brandão (1996) o mito conta a história de Narciso, um jovem incrivelmente belo, que mesmo despertando o interesse e

admiração de todas as mulheres, apaixonou-se por sua imagem e Eco, uma jovem amaldiçoada a repetir as últimas palavras da fala do outro.

Refletindo sobre esse mito podemos identificar o comportamento de Gabriela como Narciso, investindo em sua imagem; e o de suas seguidoras como Eco, seguindo e repetindo as falas da blogueira. Sobre esse mito veremos mais adiante.

Capítulo 3 – A mulher atual e a busca pela beleza

Com base na compreensão teórica que apresentamos referente à relação da mulher com o Feminino, vamos agora situar a mulher dentro do mundo contemporâneo.

Muitos foram os avanços das mulheres em nossa sociedade, sua inserção no mercado de trabalho, a liberdade sexual, o direito ao voto, entre outros marcos, mudaram o status social da mulher, saindo do espaço privado e alcançando lugar no espaço público.

Segundo uma pesquisa de opinião realizada em 2010 com 2.365 mulheres e 1.181 homens, maiores de 15 anos, e residentes em todo o país, que resultou na publicação “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública”, da Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC, 74% das mulheres acredita que sua situação está melhor que no ano passado.

Ainda segundo a pesquisa as vantagens de ser mulher atualmente continuam localizadas na esfera privada, são a alegria da maternidade (57%), a criação dos filhos (50%), o casamento e a família (19%). Mas é importante analisar também que a principal mudança na visão do mundo feminino é o expressivo crescimento da valorização das conquistas sociais (52%). São valorizados a maior liberdade e independência financeira e social e o terreno conquistado no mercado de trabalho.

Os questionamentos sobre a restrição das mulheres no espaço privado (casa) e ao cargo de esposa, mãe e cuidadora foram, em boa parte, desencadeados pela atuação dos movimentos feministas, especialmente à partir de 1960, e impulsionados pelas mudanças sócio- econômicas (Rocha- Coutinho, 2000).

Esses dados nos revelam muitas conquistas femininas, e uma grande mudança social no papel da mulher. O que pretendemos ver a seguir é como essas mudanças se relacionam com a busca pela beleza, que já vimos anteriormente, ser uma questão muito antiga no mundo feminino.

3.1 A mulher e a beleza na atualidade

Como já mencionamos a história da mulher sempre esteve muito entrelaçada à busca pela beleza, e essa relação que já é histórica parece se fazer cada vez mais presente. As

academias de ginásticas estão cada vez mais lotadas, as revistas femininas ensinam técnicas de beleza, redes sociais vendem modelos e padrões de beleza.

A ditadura da magreza, que observamos na história da beleza, se impõe cada vez mais, como podemos ver na Tabela 1, que mostra gritantes diferenças entre os ideais ao longo das décadas

Tabela 1 – Silhueta ideal para uma mulher de 1,68m

	1933	2001
Peso	60 kg	48 kg
Busto	88 cm	90 cm
Cintura	70 cm	58 cm
Quadris	90 cm	88 cm

Fonte: Vigarello, 2006.

Outro indicativo do quanto as mulheres atuais se preocupam mais com a beleza e buscam o corpo ideal, são os números revelados pela Associação Brasileira de Cirurgia Plástica. Em pesquisa de 2009, realizada pela Data Folha, verificamos que as mulheres são responsáveis por 88% das cirurgias estéticas realizadas no país. Essa pesquisa revela os seguintes dados:

- São realizadas aproximadamente 629 mil cirurgias plásticas por ano;
- Deste número 73% são cirurgias estéticas e 27% reparadoras;

As intervenções mais comuns são aumento de mamas, lipoaspiração e abdominoplastia. Esses números cresceram 33% em relação aos anos anteriores.

A pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC , em 2010 revela que o índice de satisfação das mulheres com sua aparência física, caiu em comparação com 2001, de 54% para 50%.

Esses números nos revelam, assim como os dados da tabela 1 , que a busca pela beleza, que historicamente faz parte do universo feminino, parece estar em um movimento ascendente, com uma crescente busca pelo corpo e medidas ideais, e em padrões cada vez mais exigentes. Isso nos leva a refletir sobre o quanto essa mulher atual se vê presa em conceitos muitas vezes inatingíveis, e que tipo de sofrimento psíquico isso pode lhe causar.

Sobre isso Estés (1994) afirma : “Destruir o vínculo instintivo da mulher com seu corpo natural subtrai-lhe confiança e baseia sua auto-estima em sua aparência ao invés de sua

essência “. A autora diz que as mulheres não estão famintas por tamanhos, formato ou altura, mas sim de respeito e aceitação.

Pensando nessa busca incessante pela beleza e juventude, podemos refletir sobre a atuação da deusa Afrodite. Como já vimos anteriormente, uma deusa é a forma que um arquétipo feminino pode assumir.

Segundo Woolger (1989) a deusa Afrodite é regida pela deusa do amor, e está voltada principalmente para relacionamentos humanos, romance e beleza.

A mulher regida pela deusa Afrodite pode revelar uma natureza exibicionista e, pois há algo de naturalmente atraente em si, tem boa parte de sua atenção voltada à sua sexualidade e corpo. Segundo o autor sua beleza excepcional pode ser um passaporte instantâneo para outros mundos mais fascinantes, sobrevém-lhe uma palpável alienação. Talvez venha a conhecer certa solidão interior, uma sensação de estar fora do meio, e colocará toda a sua energia em sua persona, uma lindíssima máscara para compensar. Por sua atratividade muitas de suas contemporâneas terão inveja sua. Essa presença da inveja parece estar muito presente nas relações femininas quando o assunto é beleza, e sobre isso falaremos mais adiante.

Ainda sobre essa Deus,a Woolger (1989) conclui que hoje há uma crescente exploração da sua imagem por parte dos meios de comunicação de massa, e que é possível observar em muitas mulheres habituais negações do prazer e alienação do corpo. O autor faz uma comparação com a desvalorização do feminino durante a Idade Média, quando a Igreja proíbe os homens de cultuar uma mulher de carne e osso, e introduzem a imagem da mulher ideal, através da adoração da Virgem Maria. Questiona se hoje nossa visão não se mantém prisioneira do mesmo ideal inatingível, agora pelos meios de comunicação e não mais pela Igreja? Mesmo não sendo mais a imagem da Virgem Maria, a mídia não faz a mesma coisa com Afrodite, criando conceitos da beleza ideal estampada em revistas, tvs e agora também em redes sociais?

Para o autor para que a deusa recupere seu valor e atue de forma positiva é preciso que tenha de volta o seu corpo, o que significa que a mulher em busca da consciência perdida de Afrodite precisa voltar a amar o seu corpo como é, e não mais em termos de algum ideal que deveria ser.

MÉTODO

Segundo Minayo (1996), podemos entender a metodologia como o caminho e o instrumental usados para abordar a realidade. A metodologia inclui “as concepções teóricas de abordagens, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador (p.22)”.

E. Penna (2003) faz um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de Jung. Para a autora, “o processo de produção de conhecimento decorre diretamente da concepção de mundo assumida pelo paradigma [junguiano] e encaminha o método de investigação do paradigma” (p.140). Ressalta, então, que para haver uma compreensão do ser, ou seja, uma compreensão na perspectiva ontológica de um paradigma, é preciso considerar as concepções básicas relativas à realidade, que incluem o ser humano e o mundo como um todo. Sendo assim, a autora disserta que “a perspectiva ontológica do paradigma junguiano compreende as concepções de mundo; de ser humano e psique; de realidade psíquica e dimensão simbólica e a noção de inconsciente”. (p.121).

Segundo a autora pesquisas consideradas teórico-culturais fazem uso de ilustrações ou ampliações culturais com o intuito de compreender o fenômeno (conceito) em sua articulação com o plano cultural. Nesse tipo de pesquisa, cujo objeto de estudo são fenômenos culturais, podem ser utilizados para pesquisa seres humanos que fazem parte do fenômeno estudado, obras literárias, mídia escrita, televisiva, e como no caso deste trabalho, internet e redes sociais. Segundo Oliveira (2007) em relação às pesquisas cujo objeto de estudo são fenômenos culturais, é preciso ressaltar que, em função de seus pressupostos epistemológicos, o paradigma junguiano oferece recursos metodológicos muito apropriados para a compreensão e análise de fenômenos socioculturais, o que tem sido observado com alta frequência na produção de autores e pesquisadores pós-junguianos e também foi constatado pela presença de 35% de pesquisas de cunho cultural na produção acadêmica atual brasileira conforme levantamento realizado por Penna (2009).

Por ser a Psicologia Analítica baseada na compreensão simbólica, a escolha recaiu sobre a pesquisa qualitativa neste estudo. Por pesquisa qualitativa entendemos a pesquisa que permite transitar pelos significados e pelos processos encontrados, sem desconsiderar a influência do pesquisador.

Além disso, é importante numa investigação qualitativa que o investigador demonstre uma atitude de abertura, flexibilidade, de capacidade de observação e de interação em relação ao seu objeto de estudo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão baseada no referencial da Psicologia Analítica sobre como ocorre a interação entre as mulheres atuais, a busca pela beleza e o Instagram, a partir do perfil da blogueira Gabriela Pugliesi

Objetivos específicos

Compreender como se expressa a relação da mulher atual com a beleza e o corpo nesse espaço virtual.

Analisar simbólicamente conteúdos presentes nos comentários das seguidoras.

Procedimentos

Para tal estudo foram selecionadas determinadas postagens da blogueira Gabriela Pugliesi em seu perfil no Instagram, assim como os comentários de suas seguidoras. Como já mencionando anteriormente o perfil de Gabriela foi escolhido para esse estudo por ser um dos pioneiros nesse aplicativo e ser hoje o de maior destaque.

Para a análise dos comentários o perfil de Gabriela foi acompanhado durante o período de sete dias, de 02 à 09 de março de 2015. Utilizei esse período para observar uma diversidade maior de postagens e conteúdos, a fim de encontrar um material mais significativo para esse estudo. Durante este período foram postadas uma média de 4 fotos por dias, totalizando 29 fotos, que tiveram em média 400 comentários cada.

Como esses comentários serão o material de análise desta pesquisa, selecionei as três postagens que tiveram o dobro de comentários, ou seja, acima de 800 comentários, entendendo assim, que esse número acima da média, sugere um conteúdo destas postagens que causou mobilização em suas seguidoras.

Como o objetivo desta pesquisa é analisar simbolicamente esse conteúdo, não vou me ater a dados numéricos, mas sim a uma leitura mais sensível desta realidade. A seleção dos comentários que serão analisados será realizada de acordo com as categorias que serão discutidas.

Os comentários no Instagram pertencem a um espaço público, não sendo assim necessário o consentimento para sua análise. No entanto tomarei o cuidado para eliminar qualquer dado que permita alguma identificação das seguidoras, e por esse motivo os comentários estarão apenas entre aspas.

Compreensão dos dados

Após a coleta deste material, esses comentários serão analisados sob o referencial teórico da Psicologia Analítica, a fim de responder as questões propostas por essa pesquisa. Esta análise será realizada sobre os comentários das seguidoras do perfil, nas três postagens selecionadas.

Após uma leitura exaustiva e detalhada destes comentários, serão selecionados aqueles que apresentarem algum conteúdo significativo para o tema deste trabalho, e em seguida serão agrupados em temas para discussão.

Após essa etapa, para a análise deste conteúdo coletado utilizarei a técnica de amplificação, que consiste em analisar o conteúdo de forma amplificatória, por comparações e analogias. De acordo com Penna (2013), a amplificação simbólica é considerada um recurso metodológico que facilita e favorece a tradução e posterior interpretação do material simbólico.

4.1 O perfil de Gabriela Pugliesi



Perfil de Gabriela Pugliese no Instagram

Gabriela Pugliesi, também criadora do Blog “Tips 4 life” tem um perfil no Instagram voltado à cultura “fitnes”. Em junho de 2013 esse perfil contava com 115 mil seguidoras, passando esse número para 255 mil em julho e conta atualmente com mais de 1. 100 mil seguidoras .

Considerada pela mídia como “um fenômeno do Instagram”, Gabriela Pugliesi, é uma moça de 29 anos que abandonou um emprego formal em joalheria para se dedicar exclusivamente aos posts em uma rede social digital. Suas postagens vão desde receitas light de alimentos, fotos do corpo e vídeos dos seus treinos físicos. O aparente sucesso do seu blog não só magnetizou uma legião de seguidoras e algumas capas de revista (hoje Gabriela Pugliesi assina uma coluna mensal Revista Women’s Health da Editora Abril), mas também uma infinidade de marcas de roupas, alimentos funcionais .

Capítulo 5 – O Instagram e as redes sociais

Para entender o surgimento do Instagram, é necessário entender antes o surgimento da internet. Sua criação ocorreu durante as três últimas décadas do século XX, origem do trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), do Departamento de Defesa dos EUA. A ARPA foi responsável por inúmeras iniciativas ousadas, que mudaram a história da tecnologia e anunciaram a chegada da Era da informação em grande escala. “A primeira rede de computadores, que se chamava ARPANET – em homenagem a seu poderoso patrocinador – entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969, com seus primeiros nós na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Stanford Research Institute, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah. Estava aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA, mas os cientistas começaram a usá-la para suas próprias comunicações, chegando a criar uma rede de mensagens entre entusiastas de ficção científica” (CASTELLS, 1992, p. 83).

Atualmente fala-se da web 2.0, uma espécie de segunda geração da rede, que explora maior interatividade e colaboração entre os usuários, graças a tecnologia e o surgimento de novos aplicativos e serviços

Como um palco das mais diversas manifestações contemporâneas, o espaço virtual tem se apresentado como um ambiente tecnológico que abarca múltiplos significados e fenômenos culturais. Em meio a uma potente repercussão de conteúdos e de holofotes apontados às supostas celebridades que surgem a cada dia nesses espaços, é um ambiente aberto para o nascimento de novos atores, localizados muitas vezes ao acaso e lançados a uma fama imediata (CASTELLS, 2000).

A internet gerou uma revolução no campo das comunicações, relacionamentos e comportamento humano. Sobre as manifestações do inconsciente na internet Farah (2010) afirma que a imersão na web proporciona aos internautas algumas condições como a criação de identidades virtuais, alteração de noção de tempo e espaço durante a navegação, sensação subjetiva de anonimato ou impunidade. De acordo com a autora, tanto os potenciais criativos, quanto aspectos imaturos, conflituosos e sombrios da personalidade podem ali ser expressos. Podemos então entender esse espaço virtual como um novo espaço para projeções, onde o internauta pode experimentar diversos aspectos de si mesmo.

Dentro desta realidade, o aplicativo *Instagram* é quem merece nosso foco de reflexão nesse trabalho. Trata-se de um aplicativo móvel que pode ser definido como uma rede social digital de compartilhamento de imagens, e que desde junho de 2013 inseriu a possibilidade de também se publicar vídeos. Nos primeiros dias de sua recente história, o *Instagram* era constituído por apenas quatro funcionários, incluindo seus dois co-fundadores.

Hoje considerado um dos grandes destaques do cenário *online*, o Instagram é um aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar uma foto, aplicar um filtro para ela, e depois compartilhá-la em uma variedade de redes sociais, incluindo o próprio *Instagram*. Projetado pelo brasileiro Mike Krieger e Kevin Systrom, o *Instagram* inicialmente foi idealizado para uso em dispositivos móveis. A peculiar intuitividade e o conceito do aplicativo é destacadamente simples, pois permite aos seus usuários compartilharem imagens, bem como aplicarem nelas uma grande variedade de filtros e efeitos disponíveis.

Assim como também se pode visualizar fotos de outros usuários que estejam devidamente conectados à sua rede. O *Instagram* provoca um certo magnetismo em seus 30 milhões de usuários que fazem *uploads* de mais de 5 milhões de fotos ao dia (Hiller, 2013).

Hoje o Instagram, assim como outras redes sociais tão acessadas quanto, como Facebook ou Twitter, podem ser entendidas como um espaço de expressão de seus usuários. Entender essas interações mediadas pelas redes digitais nos permite estabelecer “uma compreensão do termo que envolve tanto discursos sociais e narrativas ficcionais, quanto realidades tecnológicas e práticas comportamentais e de consumo” (FELINTO, 2010, p.43).

Por ser um espaço público há no instagram uma infinita gama de conteúdo sobre os mais diversos temas, em sua maioria conteúdos particulares, mas há também perfis criados com algum tema específico, como por exemplo: psicologia, culinária, notícias, conteúdos motivacionais, moda, religião, turismo, etc. Abordaremos aqui um perfil voltados para beleza, um dos chamados “Instafits”. Originário da língua inglesa, o termo *fit* tem o sentido de caber, ajustar, encaixar. Num primeiro olhar, o significado de *fit in* (adaptar-se) sugere conformismo e acomodação, mas se pensarmos nos termos da cultura *fitness*, remete a esforçar-se, aplicar-se, dedicar-se e, sobretudo, inconformar-se com os atributos de imperfeição, assimetria e defeito (Hiller, 2013).

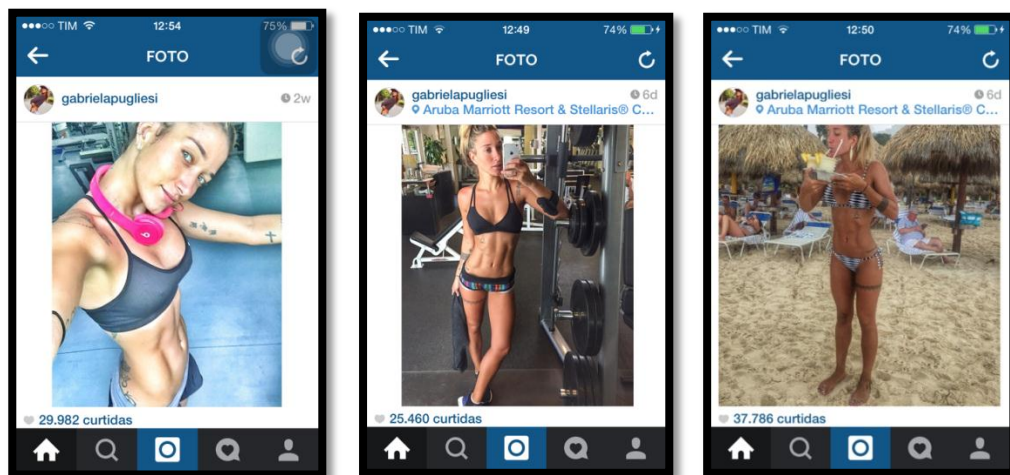
Esses perfis “fits”, ou seja, voltados ao condicionamento físico e boa forma, são muitos no instagram, e em geral, as donas desses perfis divulgam diariamente fotos dos seus corpos esculpidos, de suas refeições e treinos, além de publicidade de produtos voltados ao seu público. Podemos pensar nesses perfis do Instagram como a digitalização das revistas de

beleza, que há muito tempo estampam modelos em suas capas , ditam padrões de beleza e ensinam receitas para alcançá-los.

Diante desta enorme quantidade de perfis voltados ao tema, analisaremos neste trabalho o perfil de Gabriela Pugliesi. Esta escolha foi baseada no fato de Gabriela ser uma das pioneiras nesse espaço, e principalmente por ser hoje um dos perfis de maior repercussão no instagram e na mídia também (revistas, programas de tv)

6 . Análise dos Dados

Para analisarmos as questões propostas por essa pesquisa , selecionamos as seguintes postagens no perfil de Gabriela Pugliesi”



Post 1: Gabriela durante o treino	Post 2: Gabriela durante o treino	Post 3: Gabriela na praia
29.982 curtidas	25.460 curtidas	37.789 curtidas
2.963 comentários	1.004 comentários	900 comentários

Nas três postagens selecionadas Gabriela posta fotos de sua rotina, como malhação e viagens, sempre com grande exposição do corpo.

Norteados pelos comentários de suas seguidoras em tais postagens, discutiremos sobre os seguintes temas presentes nessas “falas”.

5.1 Narcisismo e Ecoismo : “Você é uma deusa”

Como vimos anteriormente o mundo contemporâneo valoriza cada vez mais a estética, beleza e imagem. E essa realidade pode favorecer a construção de personalidades cada vez mais narcisistas. Segundo Montellano (2006) o caráter narcisista é definido por um investimento exagerado na imagem, às custas do Self. São indivíduos que se vêem como especiais, egos inflados, exibicionistas, têm a necessidade de serem perfeitos, sempre auto-referenciados, suas relações afetivas são superficiais, só conferem um lugar ao outro em função de realizar algo para si e seduzem. Ainda segundo o autor, narcisistas se constroem

pela imagem e reproduzem a manipulação, a sedução e jogos de poder. Podemos identificar esse movimento no perfil de Gabriela Pugliesi, onde sua imagem é vendida através do corpo, como nos mostram as postagens acima, e sua beleza e forma física atua como sedução e poder, como nos sugerem os comentários abaixo:

“Você é uma deusa”, “musa, sentem e chorem”, “pisando na nossa cara”, “estou terrivelmente depressiva no momento, preciso deste corpo”, “é muita humilhação”.

O termo narcisismo faz referência ao mito grego Narciso. Narciso é filho da violência, sua mãe, a ninfa Liríope, foi tomada à força pelo rio Céfiso. Sua gestação foi penosa, mas nasceu em parto jubiloso e ao mesmo tempo motivo de apreensão, pois não era concebível um menino tão belo. Na cultura grega a beleza fora do comum sempre assustava, porque facilmente arrastava o mortal a cometer a *hybris*, o descomedimento. Competir com os deuses em beleza era uma afronta inexoravelmente punida, e a deusa da justiça, Nemesis, estava a postos. Portanto, tanta beleza conturbava o espírito de Liríope: Quantos anos viveria o mais belo dos mortais? O temor levou-a a consultar o velho sábio Tirésias, que lhe diz: Narciso viverá enquanto não se vir. Narciso despertou paixões de jovens de toda a Grécia, uma dessas jovens era a ninfa Eco, a quem Narciso também rejeitou. No entanto, Narciso permanecia insensível a todos. Até o dia em que ao ver sua imagem refletida na água, narciso se apaixonou completamente por si, e não podendo viver aquela paixão, jogou-se nas águas na esperança de beijar a imagem refletida e afogou-se” (Brandão, 1991).

Segundo Lowen (1983), esse mito contempla vários temas presentes nas estruturas narcísicas: competição, poder, ocupação de um lugar equivocado na estrutura familiar, questão de limites, inundação de sentimentos, violência, abuso sexual, ingenuidade, visão, intuição, dependências, aderência ao outro, repetição compulsiva, relação com a imagem, falta de contato com o corpo, reflexão patológica, vergonha, humilhação, depressão, anorexia, desespero, suicídio, senso de justiça, apaixonamento, ressonância, necessidade de encontro consigo e com o outro.

A aderência ao outro, relação com a imagem e apaixonamento podem ser encontrados no comportamento de “seguir” Gabriela Pugliesi, através de suas fotos e postagens ela parece assumir um papel de referência para suas seguidoras, que buscam saber detalhes sobre Gabriela, como as marcas que usa, sua rotina, conselhos pessoais, como observamos em alguns comentários: *“Gabi, onde compra seus tênis?”*, *“o que come antes de treinar?”*, *“como se alimenta em suas viagens?”*

Aspectos de vergonha e humilhação também estão presentes nos comentários das seguidoras de Gabriela, que ao verem fotos do seu corpo, tecem comentários como: *“chorando sentada”*, *“é muita humilhação, “tentando tomar vergonha na cara”.*

No entanto o mito de Narciso nos traz outro personagem que talvez nos ajude melhor na compreensão desses comentários. Segundo Montellano (2006) Eco é uma ninfa das montanhas e florestas, do séquito de Hera, a esposa de Zeus, o grande deus do Olimpo. Zeus incumbiu Eco de distrair Hera com suas tagarelices, enquanto ele saía para povoar o mundo. Hera, a protetora das instituições, e portanto do casamento, como sempre bastante desconfiada e enciumada, deu-se conta do que estava ocorrendo e puniu Eco retirando-lhe seu dom mais precioso, a fala, assim ela nunca mais seria capaz de enganar alguém. Hera condenou Eco a reproduzir as últimas palavras de qualquer outro. De acordo com a autora o elemento mais significativo no comportamento de ecoar é que ao perceber que seus sentimentos têm pouco valor, aquela que ecoa, passa a negá-los e a projetá-los no outro, tornando-se excessivamente sensível e plástica ao outro, podendo criar uma compulsão de cuidar do outro, pois é dependente dele para obter reconhecimento.

Byington (2003) nos diz que indivíduos com dominância narcisista representam o yang, o agente, o que brilha, o foco de atenção, o que inova. E, indivíduos com dominância ecoísta representam o ying, o incolor, o abnegado, que não cria, repete e ecoa.

Esse movimento de idolatar a blogueira através de comentários como “*a Gabi é única*”, “*humilha as mortais*”, “*quer que eu me mate?*”, nos remete ao movimento de ecoar, de ter sua fala dependendo do que o outro produz.

De acordo com Montellano (2006), os fixados na posição ecoísta, precisam recuperar sua corporeidade perdida, narcisando a si próprio e reconstruindo sua auto-estima, enquanto os fixados na posição narcisista, cabe a função de reconectar seu self, aprendendo a receber o outro.

O drama que se dá na relação entre Narciso e Eco representa um aspecto oposto do narcisismo, o sentimento de perda, de inferioridade, de desvalia, de rejeição, oculto pela aparência onipotente de narciso. É a perda da auto-estima, da identidade, que aparece em forma de sintomas psíquicos e corporais. É a falta de substância, de corpo, que gera insegurança. As seguidoras de Gabriela parecem repetir esse padrão, cujo corpo e voz refletem um padrão coletivo onde a individualidade e as diferenças não são reconhecidas. Tudo o que for diferente não será aceito, até mesmo as opiniões contrárias as de Gabriela são agressivamente atacadas : “*essas que criticam devem ser umas gordas*”.

Analisando Gabriela Pugliesi nessa função narcisista percebemos uma dificuldade de receber o outro, visto que entre tantos comentários, raramente responde algum. E observando suas seguidoras percebemos esse movimento de ecoar, pois mesmo sem nenhum retorno da

blogueira, continuam a comentar, lhe fazendo perguntas sobre sua vida pessoal, treinos, alimentação.

Se entendermos que Eco nega seus potenciais e valores atribuindo ao outro aquilo que lhe pertence, buscando neste outro a complementação daquilo que lhe falta, enxergamos muito desse comportamento nas seguidoras de Gabriela. Eco foi punida por estar a serviço do outro e negar sua individualidade. A perda da voz significa a perda da identidade, a falta de experiência psíquica, a perda do corpo que lhe confere presença como indivíduo.

Segundo Montellano (2006) o mito mostra que quando "a voz da criação", que é o canal para a expressão da individualidade, é colocada a serviço da realização do outro, ela deixa de ser criativa, assumindo um caráter que se expressa de forma patológica.

6.2 Sombra e Persona : “*Você é a coisa mais ridícula da internet*”

Como já dito anteriormente as relações estabelecidas nesse novo espaço virtual estão carregadas de projeções e fantasias, muitas vezes sombrias, visto que são protegidas pelo anonimato. Segundo Farah (2010) as vivências virtuais propiciam ao internauta inúmeras oportunidades de expressão de suas fantasias e seus potenciais, dos mais criativos, até aqueles que envolvem aspectos sombrios da personalidade. No perfil de Gabriela, podemos identificar esses conteúdos mais sombrios, e muitas vezes agressivos que são de certa forma, protegidos pelo anonimato em comentários como “*você é a coisa mais ridícula da internet*”, “*menina escrota*”.

O termo persona se origina do latim que significa máscara. A persona se caracteriza por apresentar uma imagem de representação arquetípica de adaptação ao mundo externo e a coletividade visto que ela é muito importante, na medida em que dependemos da mesma em nossos relacionamentos diários, no trabalho, na roda de amigos ou na convivência com o nosso grupo (WHITMONT,1998). Considerando essa definição , podemos refletir sobre o instagram como uma máscara mesmo, onde posso representar o papel que desejo, através de minhas postagens e comentários, e através também do anonimato que me garante, ocultando minha identidade, assim como uma máscara oculta a face.

De acordo com Byington (1988), é através das personas que aprendemos a representar papéis atribuídos socialmente visando corresponder de forma adequada aos padrões sócio – culturais exigidos pela sociedade. Também transmite uma certa sensação de segurança,

na medida em que cada um desempenha exatamente o papel esperado, da melhor forma possível, a fim de serem aceitos pelo grupo social que pertence. No sentido nefasto da persona, há o perigo de o indivíduo identificar-se com o papel por ele desempenhado havendo uma desconsideração dos verdadeiros elementos constituintes de seu ego, pois para Whitmont (1998, pg. 141) “o sujeito passa a agir como uma máscara tendo comportamentos que não se caracterizam como elementos de sua personalidade”.

Podemos com isso refletir sobre essa busca constante pela beleza e essa idolatria à Gabriela Pugliesi justamente como uma tentativa de ser aceito pelo grupo social, e atender aos padrões estéticos atuais. Comentários como “*um dia quero ser como você*”, demonstram uma necessidade de ser igual, de pertencer. Até mesmo a hashtag mais utilizada por Gabriela, #geraçãopugliesi, sugere uma identificação, uma geração com os mesmos valores e hábitos.

Quanto maior a identificação com a persona, mais outros aspectos do ego serão negligenciados, formando um aspecto da sombra, visto que essa não é constituída apenas de conteúdos reprimidos.

A sombra diz respeito a uma parte da personalidade que foi reprimida em favor do ego ideal. Para Sanford, o ego ideal:

“É formado pelos ideais ou padrões que modelam o desenvolvimento do ego ou a personalidade consciente. Esses ideais do ego podem ser frutos da sociedade, da família, dos grupos com os quais se convive ou as regras religiosas. Podemos selecioná-los de forma consciente e deliberada, ou então esses ideais podem operar de modo mais ou menos inconsciente no desenvolvimento do ego (1987,p.64).”

Segundo Stein (2006), há um grande investimento na persona. Em compensação, cada vez mais nos fechamos para a sombra e todo o potencial criativo e integrador do encontro entre essas duas polaridades. De acordo com o autor, sombra e persona guardam em si uma estreita relação, embora o ego se sinta muito mais à vontade com a segunda, aquela que é moralmente aceita e exibida socialmente.

“A persona está muito mais em evidência. Ela desempenha um papel oficial, cotidiano, de adaptação ao mundo social. Sombra e persona são como dois irmãos (...) uma está à vista do público e a outra está escondida e é solitária” (STEIN, 2006 p. 100)

No entanto esses aspectos reprimidos, se manifestam também através dos comentários do Instagram, geralmente carregados de agressividade e hostilidade, como por exemplo : *“Você é a coisa mais ridícula da internet”*; *“cafona, cafona, cafona”*; *“quem critica deve ser gorda”*.

Observando as postagens de Gabriela e suas legendas percebemos que há um convite às suas seguidoras à serem da mesma forma, a terem o mesmo corpo. Textos como *“bunda mole não”*; *“vai queimar essa celulite”*; *“molenga jamais”* e novamente a *“#geraçãopugliesi”*, parecem vender um ideal quase inatingível à maioria das mulheres, o que pode causar raiva, inveja , culpa, frustração, que ficam claramente expostos em alguns comentários.

Um dos aspectos da sombra que aparece com frequência nos comentários é a inveja. Segundo Byington (2002) a inveja consiste em desejar as coisas alheias, pode restringir a consciência e atuar no crescimento da sombra, o que podemos identificar em comentários como *“ que inveja desse corpo”*, *“você nos mata de inveja”*, *“preciso desse abdômen”*, onde fica claro a questão de desejar o que é do outro, nesse caso, o corpo e a beleza do outro.

Segundo o autor a inveja quando defensiva passa a atacar o outro que tem aquilo que ela deseja. Nesse caso a inveja se torna uma fonte inesgotável de maldade, como observamos em muitos comentários agressivos e hostis à Gabriela Pugliese, que envolvem desde críticas ao seu corpo à insultos pessoais, como por exemplo *“está ridícula”*, *“parece um saco de osso”*, *“não passa de uma biscate”*.

Esse convite ao corpo ideal, essa “venda” de uma imagem inatingível parece favorecer sentimentos como a inveja, como se Gabriela mostrasse ao outro aquilo que ele deseja e não consegue alcançar. Sobre isso Byington diz:

“A inveja criativa está maciçamente presente na propaganda que apresenta, por exemplo, uma pessoa famosa e bonita, recomendando a conduta e o consumo de produtos saudáveis. Esta técnica, permeia todo o universo adulto com ídolos populares que usam produtos os mais diversos para despertar a inveja e aumentar o consumo. O que se tem é sempre pouco e o que os personagens famosos têm é o que mais devemos desejar. A consequência é o descrédito de valores como a honra, a dignidade, a tradição, a reputação, o trabalho, a honestidade, a consideração, a educação, a ética, a gentileza, a dedicação, a compaixão e tantos outros, substituídos pela aparência, pelo luxo, pelo status e pelo supérfluo” (BYINGTON, 2002)

6.3– Corpo real x ideal: “O corpo dos meus sonhos”

O corpo é um assunto frequentemente abordado no perfil de Gabriela Pugliesi, isso se não for o tema central de suas postagens, como podemos perceber naquelas que foram selecionadas. Fotos com o corpo de Gabriela são as que têm um maior número de comentários, ou seja, as de maior repercussão entre suas seguidoras. As discussões sobre corpo estão também presentes nos comentários, ora desejando e enaltecendo o corpo de Gabriela: “*que corpo é esse?*”, “*o corpo dos meus sonhos*”, “*barriga perfeita*”, ora denegrindo seus próprios corpos: “*e eu aqui com essa barriga*”, “*só em outra vida terei esse corpo*”, “*coitada de nós mortais*”.

Como já dito anteriormente o mundo contemporâneo apresenta um olhar muito voltado para o corpo, tornando a aparência um valor fundamental, e o Instagram se mostra como mais um espaço onde esse movimento acontece.

Em perfis voltados ao mundo fitness, como o de Gabriela Pugliesi, fica muito claro a busca pela modificação do corpo, seja através de dietas, tratamentos estéticos ou exercícios. O produto oferecido pela blogueira e desejado por suas seguidoras é um corpo moldado e esculpido.

Na visão de Breton (2009) atualmente os vínculos interpessoais são frágeis, os valores morais coletivos duradouros já não existem e a velocidade das mudanças atropela um sujeito que não tem controle sobre o mundo. Surge então a necessidade de alguma autonomia, que é encontrada no controle e manipulação do próprio corpo; o sujeito volta-se para si e encontra no corpo uma relação mais sólida e cúmplice do que fora dele.

Podemos entender essa necessidade de modificar e moldar o próprio corpo como uma busca por uma identidade mais favorável, e como já vimos antes, uma persona de formas mais socialmente aceitas. No comentário “*Gabi, você nos ajuda a ter auto estima e nos melhorar*” podemos identificar essa necessidade de mudar o corpo para se gostar e ser aceita. Segundo o autor modificar o corpo é uma possibilidade de estreitamento dos laços, porque é para a aparência que o olhar do outro se desloca, é a partir dela que o sujeito é deduzido.” É o corpo-acessório, uma prótese do eu, algo que o sujeito porta, um rascunho a ser corrigido permanentemente” (BRETON, 2009).

Muitos comentários demonstram um sentimento de vergonha pelo próprio corpo e uma necessidade de escondê-lo: “*seu eu te encontrar na rua, mudo de lado de tanta vergonha*”, “*esse biquíni é só pra quem pode*”; “*parem de inveja, se ela tem um corpo lindo é para mostrar, isso não é para qualquer uma*”. Pensando sobre esse corpo que é negado, escondido podemos entendê-lo como um corpo à sombra. Se há um corpo moldado e coletivamente

aceito , que deve aparecer e identificar a pessoa, como uma persona, então há também um corpo individual que deve se manter na escuridão.

Segundo Estés (1994) quando as mulheres são relegadas a contornos que se emoldam a um único ideal de beleza e de comportamento, elas se tornam cativas, tanto no corpo quanto na alma, não gozando mais de liberdade. Segundo a autora “limitar a beleza e o valor do corpo a qualquer coisa inferior a essa magnificência é forçar o corpo a viver sem seu espírito de direito. Ser considerada feia ou inaceitável porque nossa beleza está fora da moda atual, fere profundamente a alegria natural a qual pertence à natureza selvagem “ (Estés, 1994, p.251).

Refletindo sobre essas seguidoras, que em comentários como : *”preciso deste abdômen”*, *“passo vontade, mas sou magra”*, *“enquanto vocês criticam, ela veste 36”*, reduzem o corpo à medidas e estética, e que renegam seus próprios corpos com suas complexidades e funções, podemos compreender o quanto estão distantes de sua natureza e instinto.

Estés (2004) traz a reflexão de que a mulher que se distancia desse vínculo instintivo com seu corpo, perde sua confiança, e assim procure seu valor na aparência física, e não em sua essência. No caso do instagram, esse valor é procurado no outro, mais especificamente na blogueira.

“Destruir o vínculo instintivo da mulher com seu corpo natural subtrai-lhe a confiança. Ela é pressionada a gastar sua energia preocupando-se com a quantidade de alimento que consome, com os números na balança ou na fita métrica. No mundo instintivo é inconcebível que uma mulher viva absorva desse jeito com sua aparência “ (Estés, 2004, p.255)

6.4- Auto imagem : “ Coitadas de nós mortais”

Observando os comentários das seguidoras, podemos identificar um comportamento de idolatria à imagem de Gabriela Pugliesi e automaticamente uma desvalorização de suas próprias imagens e corpos. Em falas como *“só em outra vida para ter um corpo desse”*, *“sonho com esse corpo, mas sei que não consigo”*, fica claro o desejo por uma outra imagem, por um corpo que não é o seu. Fica claro também um desejo de se adaptar a padrões externos. Podemos pensar então em uma mulher dividida entre o que ela é e o que gostaria de ser, entre o corpo que tem e o que “deveria” ter para se encaixar nos padrões atuais de beleza.

Sobre o tema de totalidade feminina, podemos analisar o mito de Perséfone.

Segundo Brandão (1991), Perséfone ou Coré, era uma deusa jovem, esbelta e bonita, e, segundo Homero, que descreve a versão mais conhecida do mito, um dia ela estava colhendo flores e, através de uma fenda aberta na terra foi raptada por Hades e levada para o inferno fazendo dela sua noiva cativa. Deméter, sua mãe mitológica, desesperada pediu ajuda a Zeus e Hermes, o deus mensageiro, para resgatar a filha. Enquanto permanecia no inferno, Coré, desolada, não comia nem bebia nada; porém, quando Zeus fez um acordo com Hades para que deixasse ela ir embora com Hermes, Hades lhe ofereceu sementes de romã e ela aceitou. Se ela não tivesse comido teria sido devolvida à mãe, mas tendo comido o alimento tinha que ficar parte do tempo no inferno com Hades e a outra parte com sua mãe no mundo superior. Porém, quando se transformou em rainha dos infernos, sendo chamada então, de Perséfone, permaneceu como guia dos heróis e heroínas que desciam para o mundo inferior.

À partir do mito encontramos em Coré e Perséfone dois padrões arquetípicos, ou padrões de comportamento, que nos ajudam a entender a mulher atual. A Coré, segundo Bolen (1990), é a "jovem anônima", é a mulher que não sabe "quem ela é" e está inconsciente de seus desejos e forças. A Perséfone é a mulher que adquiriu uma nova consciência de si mesma e da vida.

Na nossa cultura é a mulher criança, passiva, dependente, insegura, que quer sempre agradar se adaptando ao desejo do outro, como forma de evitar a agressividade, que reprimida se transforma em depressão. Segundo a autora, o sintoma depressivo, nestas mulheres, esconde uma sombra exigente que se volta contra a mãe, ficando idealmente presa ao pai; daí a negação do corpo feminino. Muitos comentários das seguidoras de Gabriela demonstram um aspecto depressivo ao falar sobre seus corpos : *“estou terrivelmente depressiva nesse momento”*, *“vontade de cortar os pulsos”*. Podemos observar nessas falas uma identificação com o padrão arquetípico de Coré, uma mulher frágil e dependente do olhar do outro, é a jovem raptada, desta vez não mais por Hades, mas raptada pela imagem ideal do outro, pela imagem de Gabriela, e que se mantém prisioneira desse padrão.

De acordo com Woodman (1993) por trás das máscaras de vidas bem-sucedidas ocultam-se os espectros da desilusão e do terror. No plano consciente, as pessoas estão sendo compelidas a se sair cada vez melhor dentro das rígidas referências que criaram para si mesmas; inconscientemente, não conseguem controlar seu comportamento. Quando, ao cair a noite, vem o momento de se recolher, a máscara e o Ser interior não se comunicam.

No mito, Coré, antes de ser raptada era uma mulher-criança e, após aceitar o alimento ela se tornou mulher de Hades, a rainha do mundo infernal. Nesta fase, ela adquire uma nova

identidade, passando a ser chamada de Perséfone. Segundo Bolen (1990) tornar-se uma Perséfone significa adquirir uma nova consciência de si-mesma e da realidade da vida. Significa despertar, perceber seus conflitos e suas potencialidades. No caso dessas seguidoras tornar-se Perséfone pode significar ter maior consciência de sua própria imagem, reconhecer seu próprio corpo, reconhecendo nele sua função e essência. E a medida em que vai identificando esse corpo real e individual, essas mulheres podem se sentir mais seguras e capazes, não mais precisando projetar essas qualidades na imagem de Gabriela. Um processo de integração da sombra, que falamos no capítulo anterior, aceitando-se como é.

7 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho observamos quão antiga é a relação da mulher com a busca pela beleza, e refletimos como isso ocorre nos dias atuais, dentro do espaço virtual do Instagram. Percebemos o quanto a importância da beleza para o bem-estar físico e psicológico foi literalizada na cultura atual. Ela representa sucesso profissional, social e afetivo. Pelo menos, é o que sugere a mídia em geral, e em especial o Instagram, através de perfis como o de Gabriela Pugliese, onde a beleza parece estar intimamente ligada à felicidade e sucesso da mesma.

Do ponto de vista da psique, a questão é mais complexa, pois quando literalizada perde seu significado. Da mesma forma, a literalização da beleza acabou se transformando num vício de comportamento, que determina o espírito da época atual, na qual a cultura da persona rejeita a sombra, dissociando o "feio" do "belo"

A cultura patriarcal e os princípios masculinos discriminativos geraram a separação entre o bem e o mal, o certo e o errado, através da consciência racional, rejeitou e negou os aspectos irracionais da existência. Esta dissociação resultou na submissão do corpo, que representa o irracional, instintivo e inconsciente, à mente racional e lógica, representante da consciência. As energias femininas, irracionais, ilógicas, as sensações e emoções inconscientes foram reprimidas.

A Ditadura da Beleza é a guerra entre o belo e o feio, o certo e o errado, onde o corpo físico e o psíquico se tornam inimigos. A mulher parece ser a maior vítima deste regime ditatorial e patriarcal.

Podemos pensar que nesta relação com a beleza, as mulheres perderam a conexão com a sua natureza feminina e, por isso, ficaram aprisionadas pelo poder patriarcal, submetidas a um padrão exterior rígido e exigente.

Se entendermos o ato de seguir Gabriela Pugliese e desejar um corpo como o seu como sintomas de uma cultura narcisista, onde a aparência está dissociada da essência e o corpo da alma, assim como o belo do feio e o bem do mal, percebe-se uma forma típica ou arquetípica de comportamento, como denominou Jung; que neste caso pode ser compreendida por meio da relação persona/sombra e Ego/Si-mesmo, que são elementos estruturantes da psique.

Todo caráter narcisista está profundamente identificado com a persona, gerando uma inflação, que pode ser projetada no corpo. Neste sentido, o Si-mesmo, no caráter narcisista

aparece dividido, dissociando o corpo da alma; assim como, o belo do feio. Desta forma o conceito de beleza se reduz ao ponto de vista da persona, cuja visão unilateral causa a repressão da beleza, de acordo com Hillman (1993). Pois, segundo ele, hoje somos inconscientes da beleza, somos antiestéticos, estamos anestesiados, psiquicamente.

Percebeu-se através dos comentários nos posts de Gabriela, uma certa dissociação de suas seguidoras, onde parece existir um corpo ideal, neste caso o da blogueira, e um corpo real, que é diminuído e negado. Suas falas demonstram o quanto estão identificadas com os padrões de beleza da persona, presas num ideal narcisista de perfeição, e com isso distantes de si e de seus corpos. Sobre essa cisão entre o ideal e o real, existiria então para essas seguidoras um corpo real e rejeitado e um corpo projetado na persona de Gabriela?

As seguidoras de Gabriela, através de seus comentários, exaltam o corpo e investem nele como um fim em si mesmo. É isso que o vai tornar socialmente viável e moralmente adequado. Há um grande investimento na persona. Em compensação, cada vez mais nos fechamos para a sombra e todo o potencial criativo e integrador do encontro entre essas duas polaridades (STEIN, 2006).

Aspectos sombrios como agressividade e inveja também se fazem presentes em comentários do Instagram. De acordo com Sanford (1988) o grande valor da sombra está na sua importância para o desenvolvimento do auto conhecimento. Pois é no confronto com a sombra que está a chave para a consciência individual, através da diferenciação do coletivo. Neste caso, a integração da sombra seria a aceitação desse corpo, não mais o menosprezando diante de um corpo ideal e coletivo.

Sobre essa relação entre corpo e sombra, Jung diz:

Não gostamos de admitir nosso próprio lado de sombras. Muitas pessoas em nossa sociedade civilizada perderam sua sombra, livraram-se dela, tornando-se apenas bidimensionais: perderam a terceira dimensão e, geralmente com ela, o próprio corpo. O corpo é o amigo mais duvidoso, por produzir coisas de que não gostamos [...] por isso ele frequentemente é a personificação do lado sombrio do eu. (JUNG, 2007, p. 39, § 40)

Ao refletirmos sobre essa divisão entre o corpo ideal e o corpo real, simbolicamente podemos enxergar um ego dissociado do Self, devido a sua identificação com a persona. Esse processo de identificação pode dificultar o processo de individuação.

De acordo com Boechat (2005, p. 109):

A persona é um complicado sistema de relação do indivíduo com a sociedade, construída a partir do que ele quer parecer para ela, e por outro, das demandas da própria sociedade. Jung chama a atenção para o perigo de uma identificação com a persona, com ela o indivíduo chega a perder contato com a alma e seus símbolos.

Sobre essa questão percebemos nessas seguidoras uma cisão entre corpo e psique, sendo o corpo colocado como uma matéria a ser melhorada, e não parte de uma totalidade. Por isso, o corpo como uma matéria dissociada da psique, tem sofrido de um “transtorno de valor” ao virar moeda de troca coletiva. O corpo, como objeto de troca, substitui a relação entre o indivíduo e o mundo, levando à perda da alma, na medida em que o indivíduo deixa de existir, por tornar-se apenas um corpo.

A psicologia junguiana não compartilha da visão fragmentada de ser humano. Jung considerava uma intolerável contradição a oposição entre matéria e espírito (FARAH, 2009). Pelo contrário, vê a pessoa como um ser integrado e reserva ao corpo um papel essencial no desenvolvimento psíquico e no processo de individuação. O corpo, para Jung, é um caminho para a vivência da totalidade. Sem o corpo, o si-mesmo não se realiza. Ao contrário de uma visão dualista encontrada no perfil de Gabriela, a psique humana é uma totalidade unificada que inclui o corpo. Para o inconsciente, matéria e espírito não são equivalentes, mas idênticos (JUNG, 2000).

Jung relacionava o corpo à terra, ao que é denso e que mantém o sujeito no aqui e agora. Um relacionamento consciente com o corpo significa fidelidade à terra. São os fatos corporais que nos mantêm na vida real e “ajudam-nos a não perder nosso caminho no mundo das meras possibilidades, onde estamos simplesmente de olhos vendados” (JUNG, 1988, p.56).

Pensando sobre essa afirmação, podemos supor que falta a essas seguidoras justamente essa ligação corporal, com o aqui e agora, visto que seus corpos reais são negados. Existe uma ligação com o ideal, o corpo do outro, o corpo dos sonhos. E com isso se mantêm vendadas para a realidade.

Sobre essa exagerada atenção que se dá ao corpo nos tempos atuais, podemos refletir sobre a superficialidade das relações, onde se consegue estabelecer com seu corpo uma relação mais sólida do que a estabelecida com o mundo. Essas relações superficiais e de consumo que Bauman (2009) denomina Vida líquida, significam constante autoexame, autocrítica e autocensura. Segundo o autor, a vida líquida alimenta a insatisfação do eu consigo mesmo.

Essa insatisfação consigo mesma é claramente expressada pelas seguidoras em seus comentários, repletos de críticas ao próprio corpo. Sobre isso Estés (1994) diz:

Difamar ou julgar o físico herdado de uma mulher é criar gerações e mais gerações de mulheres ansiosas e neuróticas [...] Destruir o vínculo instintivo da mulher com seu corpo natural subtrai-lhe confiança, faz com que ela insista em descobrir se é boa pessoa ou não, e baseia sua auto estima na aparência em vez de na sua essência (ESTÉS, 1994, p.255)

Segundo a autora a mulher atual se dedica tanto ao corpo, que não lhe sobra tempo e energia para estabelecer outras conexões, como por exemplo com seus instintos e essência. Se essas mulheres conseguissem se ouvir mais, perceberiam que têm muitas “mulheres famintas” dentro de si. Estés (1994) nos traz a idéia de que “em vez de famintas por um certo tamanho, em vez de famintas por se adequar ao estereótipo, as mulheres têm fome de consideração básica por parte da cultura que as cerca” (p.255)

Com essa reflexão podemos concluir que esse comportamento de seguir Gabriela Pugliesi e a idolatrar, assim como desejar seu corpo e negar aquele que possui, pode causar uma cisão entre o real e o desejado, entre sombra e persona, entre Ego e Si-Mesmo. E que com essa cisão, essas seguidoras se afastam cada vez mais de si, de seus instintos e consciência corporal, se distanciando conseqüentemente de seus processos de individuação.

Diz Jung (1981, p. 143) que “a base da ordem social não é a lei, mas a imitação”, que é “uma faculdade muito valiosa para os propósitos coletivos, mas extremamente nociva para individuação”. Para o autor, a personalidade se desenvolve na medida em que se diferencia dos conteúdos coletivos. Isso não significa negar a cultura, mas abrir-se para o si-mesmo. É o que retrata a experiência de Pedro que, negando o Cristo, se dissolve na psique coletiva. Jung chama isso de “perda da alma”.

O que podemos esperar é que em algum momento essas seguidoras valorizem o corpo com todas as suas funções. Segundo Estés (1994) a sua finalidade é a de proteger, apoiar a alma, ser um repositório de recordações e sensações, ou seja, de alimentar a alma. E que assim, nesse sentido de Jung, as relações atuais com o corpo promovam menos perdas e mais encontros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**, vol. II, item IV. Ed. Vozes, 1991

BYINGTON, C. A. **A construção amorosa do saber** – O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. Ed ReligarE, 2003

BYINGTON, C. **Desenvolvimento da personalidade: persona e sombra**. São Paulo: Ática, 1988

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 9.Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: o corpo e o consumismo**. Rio de Janeiro. Garamond: 2004

ECO, H. **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARIA, D. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003.

FERREIRA, A; VIEIRA, J. **A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: Do diário virtual aos posts comerciais**. Revista da Associação dos Programas de Pós- Graduação em comunicação. São Paulo, 19 de março de 2014. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/205/206>. Acesso em 13 de outubro de 2014

GARCIA, A. C. F. (2006). **Da relação pai-filha à profissional mulher: um estudo qualitativo com mulheres adultas jovens numa abordagem junguiana**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC

GOELLNER, S.V. **Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness**. *Labrys: Estudos Feministas*, Brasília, DF, n. 10, p. 12, jun./dez. 2006. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/silvana.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

HARDING, E. "A deusa virgem", in **Os mistérios da mulher**, Edições Paulinas, São Paulo, 1985,

HILLMAN, J. **O Mito da Análise: Três Ensaios de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984.

JUNG, C. G.. **A mulher na Europa In Civilização em transição**, CW X/3, São Paulo: Vozes, 1993.

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**, Petrópolis, Vozes, 1984.

JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. Obras Completas. Vol. XVI. Petrópolis. Ed. Vozes. 1988.

JUNG, C. G. A sigífiga anima e animus, In **Aion: pesquisa sobre a fenomenologia do inconsciente**, CW IX/2, São Paulo: Vozes, 1988.

JUNG, E. **Anima e animus**. São Paulo: Cultrix, 2003.

- LE BRETON, *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2009.
- LOWEN, A. *Narcisismo: negação do verdadeiro Self*. Ed. Cultrix, 1983
- MCGOLDRICK, M. *As mulheres e o ciclo de vida familiar* In CARTER, Beth. & MCGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar- uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MEIRELLES, V. *Feminino superlativo: mulher, família e carreira*, 2001. Dissertação (Mestrado), PUCSP, São Paulo
- MINAYO, M. *O Desafio do Conhecimento- pesquisa qualitativa em saúde*. São
- MONTELLANO, R.P. *Transtornos de la personalidad narcisista*. In Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica 1, Universidad Católica, Prensa Médica latinoamericana. Montevideo, 2006
- NEUMANN, E. *O medo do Feminino e outros ensaios sobre a psicologia do feminino*. São Paulo: Paulus, 2000.
- NOVAES, J.V. (2005) *Ser feia, ser mulher, ser excluída*. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.
- OLIVEIRA, P. *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: HUCITEC/ UNESP, 2001. Paulo –Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.
- PENNA, E. *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*, Dissertação (Mestrado) em Psicologia Clínica, PUCSP, 2003.
- PRIORE, M.D, *A história do corpo no Brasil*. São Paulo. Unesp: 2011
- ROBLES, M. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos* – São Paulo : Aleph, 2006.
- SANT'ANNA, D. B . *É possível realizar uma história do corpo?* São Paulo: Annablume, 2005
- SCALZO, M. - *Trinta anos de moda no Brasil: uma breve história*. São Paulo: Editora Livre, 2009. Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBPCP Disponível em: <http://cirurgiaplastica.org.br/publico/novidades02.cfm> - Acesso em 20/01/20015
- STEIN, R. *Da liberdade da mulher à liberação do feminino in ZWEIG, Connie*.
- VIGARELLO, Georges. *A história da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VILHENA, J; MEDEIROS, S; NOVAES, J. *A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade*. Revista Mal Estar e Subjetividade. V5, n1. Fortaleza, março de 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482005000100006&script=sci_arttext. Acesso em 14 de outubro de 2014.
- VON FRANZ, M. L. *O processo de individuação*. In: JUNG, C. G. (org). *O homem e seus símbolos*. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964
- WHITMONT, E.C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

WHITMONT, E. C. **A Busca do Simbolo**, São Paulo: Cultrix, 1994.